

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PEDAGOGIA DA ARTE**

Ana Cândida de Menezes Lima Jardim

Riscando Sons:

Percepção e registros sonoros entre crianças

Porto Alegre

2013

Ana Cândida de Menezes Lima Jardim

Riscando Sons:

Percepção e registros sonoros entre crianças

Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização em Pedagogia da Arte, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora:

Profa. Dra. Susana Rangel Vieira da Cunha

Porto Alegre

2013

Agradeço a todas as pessoas que estiveram ao meu lado nessa caminhada em busca de descobertas e realizações e que de alguma maneira contribuíram para isso compartilhando suas vivências, convivendo, trocando sorrisos e abraços.

Em especial:

Ao Thiago, meu companheiro e amigo que foi o grande incentivador para que eu desenvolvesse a oficina Riscando Sons, e descobrisse o amor pela educação e pelo convívio com as crianças.

Soeli e a direção da Escola Dolores Alcaraz Caldas, que receberam a mim e minhas ideias de portas e braços abertos.

A meus pais que me incentivam a crescer sempre com humildade e carregando a verdade em minhas palavras e o amor em meu coração.

Aos Meus mestres artistas Edemur Casanova, Suzana Gruber e Alphonsus Benetti, que me inspiram nesse "louco compromisso".

Ao Anima Sonho, teatro de bonecos que coloriu minha infância com imagens belas.

A Malu e Wanderlei amigos que em muitos momentos mostraram que eu sou capaz de prosseguir e realizar meus sonhos.

Aos colegas de curso a quem compartilhei momentos de alegria e tensão, de descobertas e carinho, a essas amizades que fiz e que estão em meu coração. A essa trama que fizemos juntos.

Aos professores do curso que me mostraram novas possibilidades de expressão e construção de ideias.

A minha orientadora que teve paciência, e compreensão com minha forma de expressar o que senti e construí.

Enfim obrigada a todos que estão do meu lado e que de alguma forma estão comigo nessa caminhada.

“... a necessidade do som é o estímulo e a crença de que através da música se chega a qualquer lugar. Existe uma relação muito forte entre todas as coisas quase indivisível...”

(Egberto Gismonti)

Resumo

Riscando Sons: Percepção e registros sonoros entre crianças, é o resultado do trabalho desenvolvido na oficina Riscando Sons na Escola Municipal Dolores Alcaraz Caldas, no programa Escola Aberta, no Bairro Restinga Nova, em Porto Alegre; na qual elaborei uma investigação com o intuito de entender como as crianças percebem e registram graficamente sons e músicas. A proposta pedagógica foi instigar a curiosidade das crianças, bem como desafiá-las a “ver” os sons e criar formas para músicas e sons propostos nos encontros. Realizei os encontros com as propostas pré-estabelecidas, porém sempre abertas às necessidades que poderiam surgir, observando além dos desenhos, mas o comportamento das crianças e como elas se relacionavam com a atividade proposta. O trabalho apresenta a trajetória da oficina, relacionando minha experiência como *oficineira*, minhas dificuldades e de transformação de padrões e ideias que foram tomando forma no decorrer da oficina, através das atividades que elaborei para instigar a curiosidade e criatividade das crianças. Problematizo a forma como nos relacionamos hoje com o mundo e suas imagens e das dificuldades das crianças elaborarem suas linguagens expressivas, junto com minhas dificuldades em atuar como *oficineira* pela primeira vez. Frequentou a oficina crianças de 8 a 13 anos, a Riscando Sons estava inserida no projeto como atividade extraclasse, portanto o número de crianças variava assim como idade. Para a pesquisa foi utilizado como referencial teórico principalmente o autor Jose Francisco Duarte Jr, que problematiza as questões de arte educação e dos sentidos na contemporaneidade, bem como a autora Susana Rangel Vieira da Cunha, e o músico Egberto Gismonti.

Palavras chave: infância, música, desenho.

- Fig. 1: Apresentação do Anima Sonho, p. 10
- Fig. 2: Desenho. Interpretação da música COISA Nº 1 de Moacir Santos, executada pelo Quarteto Itororó, p. 15
- Fig. 3: Desenho estudo sobre ruídos, p. 16
- Fig. 4: Telas realizadas nos primeiros semestre da faculdade de artes, p. 16
- Fig. 5: Telas do penúltimo semestre, p. 17
- Fig. 6: Telas do último semestre, p. 17
- Fig. 7: Imagens da minha memória, p. 18
- Fig. 8: Desenho de Aldreyn 8 anos, p. 22
- Fig. 9: Desenho de Sarah 11 anos, p. 23
- Fig. 10: Desenho de Andrielly 12 anos, p. 23
- Fig. 11: Desenho de Andriell, p. 24
- Fig. 12: Desenho de Sarah, p. 30
- Fig. 13: Desenho de Aldreyn, p. 31
- Fig. 14: Crianças desenhando na oficina Riscando Sons, p. 31
- Fig. 15: Desenho de Andrielly, p. 32
- Fig. 16: Desenho de Thayna 12 anos, p. 33
- Fig. 17: Desenho de Sarah, p. 33
- Fig. 18: Desenho de Sarah, p. 36
- Fig. 19: Desenho de Aldreyn, p. 37
- Fig. 20: Desenho de Rariany 10 anos, p. 37
- Fig. 21: Atividades realizadas fora da proposta da oficina, p. 37
- Fig. 22: Crianças pitando na oficina Riscando Sons, p. 38
- Fig. 23: Crianças pintando na Oficina Riscando Sons, p. 40
- Fig. 24: Crianças pintando na Oficina Riscando Sons, p. 40
- Fig. 25: Desenho de Thalyne, 10 anos, p. 41
- Fig. 26: Desenho de Thayna, 12 anos, p. 41
- Fig. 27: Desenho de Sarah, p. 42
- Fig. 28: Desenho de Sarah, p. 42
- Fig. 29: Crianças da oficina escutando a concha, como proposta, p. 44
- Fig. 30: Atividade da oficina Riscando Sons com a concha, p. 44
- Fig. 31: Desenho de Sarah, sobre o som da concha, p. 45
- Fig. 32: Desenhode Yasmin, 8 anos, sobre o som da concha, p. 46

Fig. 33: Desenho de Sarah. Água viva do desenho Bob Esponja, atividade com o som da concha, p. 46

Fig. 34: Desenho de Nathally, 9 anos, água viva do desenho Bob esponja, atividade com o som da concha, p. 47

Fig. 35: Desenho de Audryen, formas abstratas que representam o som da concha, p. 47

Fig. 36: Desenho de Sarah, formas abstratas que representam o som da concha, p. 47

Fig. 37: Desenho de Thalyne. Cd de Egberto Gismonti, p. 48

Fig. 39: Desenho de Sarah. Cd de Egberto Gismonti, p. 48

Fig. 38: Desenho de Andrielly. Cd de Egberto Gismonti, p. 49

Fig. 40: Desenho de Andrielly. Cd de Egberto Gismonti, p. 52

Fig. 41: Desenho de Sarah. Cd de Egberto Gismonti, p. 53

Fig. 42: Desenho de Aldryen. Cd de Egberto Gismonti, p. 53

Fig. 43: desenho de Estefani, 10 anos. Cd de Egberto Gismonti, p. 54

Fig. 44: Desenho de Aldryen. Cd de Egberto Gismonti, p. 54

Fig. 45: Desenho de Aldryen. Cd de Egberto Gismonti, p. 55

Fig. 46: Atividade com cd Inverno de Toneco da Costa, p. 56

Fig. 47: Desenho de Gabriela, 10 anos. Representação das músicas de Toneco da Costa, p. 57

Fig. 48: Desenho de Gabriela. Representação das músicas de Toneco da Costa, p. 57

Fig. 49: Gabriela desenhando. Atividade com Cd Inverno de Toneco da Costa, p. 58

Fig. 50: 1º Desenho de Kelwer 8 anos. Cd Toneco da Costa, p. 59

Fig. 51: 2º Desenho de Kelwer. Cd Toneco da Costa, p. 59

Fig. 52: Desenho de Kelwer. Cd Toneco da Costa, música Inverno, p. 60

Fig. 53: Atividade com tinta na Oficina Riscando sons, p. 61

Fig. 54: Crianças pintando ao som de Bill Laswell, p. 62

Fig. 55: Três momentos da atividade com disco de Bill Laswell, p. 62

Fig. 56: Pintura de Aldryen. Cd Bill Laswell, música Black Lotus, p. 63

Fig. 57: Pintura de Andrielly. Cd Bill Laswell, p. 63

Fig. 58: Pintura de Andrielly. Cd Bill Lawell, p. 64

Fig. 59: Pintura de Aldryen. Cd Bill Laswell, p. 64

Fig. 60: Duas pinturas de Sarah. Cd Bill Laswell, p. 65

Fig. 61: Crianças com as cartas do Jogo dos Sons, p. 66

Fig. 62: Crianças com cartas do Jogo dos Sons, p. 67

Fig. 63: Colagem de Aldreyn, p. 68

Fig. 64: Colagem de Dayana, 12 anos, p. 69

Fig. 65: Colagem de Rochelli, 13 anos, p. 70

Fig. 66: Colagem de Sarah, p. 70

Sumário

1. Costura.....	10
2. A Maleta Azul.....	14
3. Primeiro dia: “Wei-Ji”.....	21
3.1 E Agora José?.....	26
4. Segundo dia – Fora de Estação.....	30
4.1 Pausa.....	38
5. Pintando Sons.....	39
6. O Som da Concha.....	44
7. Desenhando a música de Egberto Gismonti.....	51
8. Desenhando a música de Toneco da Costa.....	56
9. “A gente faz coisa que nem existe e fica bala”- Pintando a Música de Bill Laswell.....	61
10. O Jogo de dar som as formas.....	66
11. “Pruaktipruakti”, Tesoura, Cola, Papel e Sons.....	68
12. Silêncio.....	72
13. Referencias bibliográficas.....	74

1. Costura

Muitas imagens e sons me acompanham desde a infância, até hoje, mesmo que guardadas na “Maleta azul” da minha memória se fazem presente. Dentre elas, a imagem dos discos de vinil do meu pai e das músicas que ouvíamos as histórias contadas pelos discos e fitas k7, as animações que assistia sempre com trilha sonora bastante marcante, os espetáculos de teatro de bonecos, manipulados pelos gêmeos Ubiratan e Tiaraju do grupo Anima Sonho, com números musicais compondo a magia da manipulação de boneco.



Fig. 1: Apresentação do Anima Sonho

Essas memórias de imagens e sons foram amarrando, costurando e tramando minha vida, motivando minha pesquisa plástica e inquietação sobre a criatividade das crianças e como elas escutam música.

A partir dessa trama de memórias e inquietações a respeito da sensibilidade das crianças que desenvolvi a presente pesquisa, criando a oficina Riscando Sons. Seu objetivo foi investigar como as crianças desenham ouvindo músicas e sons propostos e analisar seus desenhos e a trajetória da oficina. Riscando sons foi realizada com crianças de nove a doze anos em uma escola municipal de Porto Alegre – Rio Grande do Sul. A escola Dolores Alcaraz Caldas, essa que abriu as portas para a realização da oficina dentro do projeto Escola Aberta, que acontece aos sábados, proporcionando a comunidade diversas atividades dentro da escola.

Com essa pesquisa apresento minha experiência com crianças na oficina que criei a oficina Riscando Sons, exponho os encontros divididos em capítulos, onde descrevo as atividades e análise dos desenhos produzidos

pelas crianças, problematizando questões, da infância contemporânea, bem como a transformações dos desenhos ao longo dos encontros.

A Maleta Azul, capítulo dois, onde apresento um pouco de minha trajetória nas artes visuais e minha relação com imagens e música, revelando meu interesse pelo universo dos desenhos infantis e de sua maneira de se relacionar com o mundo.

O primeiro dia: "Wei-Ji", capítulo três, onde apresento o primeiro dia da oficina, minhas inquietações e questionamentos, assim como as dificuldades que surgiram, questões que motivaram minha maneira de pensar, reformular e dar continuidade para a oficina. Nesse capítulo também exponho questões que são referêntes aos sentidos, como nos relacionamos com o mundo, que imagens nos cercam e como elas influenciam nossa maneira de perceber, ou ainda como elas ditam maneiras de perceber. Como a sociedade contemporânea se relaciona com o mundo das imagens hoje e como essas imagens são apresentadas a nós.

Segundo dia – Fora de estação, capítulo quatro, apresento o segundo encontro da oficina Riscando Sons, onde a atividade proposta foi que as crianças desenhassem o ruído de um rádio não sintonizado, fora de estação. Apresento os resultados os desenhos e parte do diário de campo que segue presente em todos os encontros e complementando cada capítulo. Inseri a esse capítulo um pequeno subcapítulo, intitulado Pausa, é uma quebra na leitura, uma pausa, onde explico que pausas foram dadas entre as atividades propostas pela oficina, uma pausa para exploração de materiais, para que eu e as crianças criássemos um vínculo afetivo e que pudéssemos dialogar.

Pintando Sons, capítulo cinco é descrevo a proposta em que as crianças usaram tinta guache e desenharam músicas, essa foi a primeira proposta em que trabalhamos com músicas. Essas músicas foram escolhidas de maneira aleatórias de varias estações de rádio. Apresento nesse capítulo, assim como na maioria, os desenhos e a transformação que esses vão revelando em cada encontro.

O Som da Concha, capítulo seis, relato experiência das crianças em desenhar o som de uma concha, proposta lúdica onde as crianças discutiram e produziram desenhos que são analisados no capítulo. Essa proposta prepara

as crianças para começarem a trabalhar com músicas específicas, de discos específicos.

Desenhando a Música de Egberto Gismonti, capítulo sete, nesse capítulo descrevo os resultados do primeiro encontro onde as crianças desenharam motivadas por um disco específico, disco do músico Egberto Gismonti, bastante distante do que habitualmente as crianças que frequentaram a oficina escutam, assim como os demais discos que trabalhei sempre apresentando músicas diferentes do que elas estão habituadas.

Desenhando a Música de Toneco da Costa, capítulo oito, onde analiso a atividade e resultados e evolução dos desenhos das crianças, motivados pelo disco *Inverno* de Toneco da Costa. Diferente dos outros capítulos os desenhos que são analisados são de crianças que nunca haviam frequentado a oficina, diferente dos outros desenhos, que seguem dos primeiros ao último capítulo; que são de meninas que frequentaram a oficina e suas atividades com relativa frequência. Nesse capítulo conto a experiência de um menino com a proposta da oficina e os resultados de seus desenhos.

“A gente faz coisa que nem existe e fica bala”- Pintando a Música de Bill Laswell, capítulo nove, relato mais uma proposta com música. Nessa atividade as crianças pintaram ao som de Bill Laswell, e a transformação dos desenhos é evidente, essa foi a última atividade com música, e marcou grande transformação na maneira como as crianças se relacionaram com a proposta e com a música que ficou registrado nos desenhos.

O Jogo, Dando Som as Formas, capítulo dez. Nesse capítulo apresento uma proposta diferente das propostas que seguiram até aqui, a proposta do Jogo, que criei para as crianças, onde elas deram sons as imagens impressas em cartas como parte do jogo.

“Pruaktipruakti”, *Tesoura, Cola, Papel e Sons*, capítulo onze, nesse capítulo o último encontro da oficina Riscando sons. Onde a proposta também se diferencia das demais. O processo de criar sons para as imagens é explorado, porém aqui as crianças trabalharam com colagens dando sons para formas geométricas, nessa atividade elas criaram sua colagem e deram som para elas que são analisadas e expostas no capítulo.

Silêncio, capítulo doze, onde concluo o que foi a oficina Riscando Sons, e seus encontros, apresento minhas impressões o que aprendi o que ficou desses encontros.

2. A Maleta Azul

“... É isso mesmo, a gente vive feito gari voador (ou sonhador), vai recolhendo o que acha que está precisando ser recolhido. No fim guarda em casa, no quarto, na casa ou na alma.” (Egberto Gismonti)

Os sons e imagens se misturam na minha forma de sentir o mundo, desde cedo essa maneira de perceber foi sendo construída. Em meio a imagens, sons e música, cores e formas fui construindo e desconstruindo o mundo que me cerca.

Das lembranças que tenho da infância uma imagem é muito viva e presente: a imagem da minha maleta azul de médico, dentro dela nenhum termômetro ou estetoscópio, mas sim lápis de cor, giz de cera, tesoura, cola, canetinha. Era sentada no tapete ouvindo música que abria a maleta azul para dar forma aquilo que ouvia. Tinha entre 4 e 7 anos lembro que escutar música com meu pai e desenhar eram minhas atividades preferidas.

Sempre fui muito sozinha, convivia com adultos, ouvia música com meu pai, músico que tocava na noite quando jovem. Ouvíamos, choro, tango, mpb. E assim minha relação com os sons e a música foi tomando forma. Deitava no chão ao lado da caixa de som para ouvir melhor e sentir aquela música, criando imagens para os sons. Esse era um momento especial, formas e cores se inventavam em minha mente, eu separava os sons que ouvia, tentava ouvir instrumento por instrumento, parte por parte, colocava a mão na caixa de som para sentir a vibração, fazia isso como uma brincadeira. Gostava de olhar as capas dos discos algumas eu interferia rabiscava e desenhava.

No livro de Yara Caznok , Música entre o Audível e o Visível , encontra-se um depoimento de um artista plástico referente a uma pesquisa realizada para acompanhar a relação do ouvinte com a música, esse trecho chama atenção aos aspectos “visuais” no momento da escuta, semelhante a maneira como “vejo” a música e a represento.’

“é sempre essa coisa, às vezes pontuando essa ordenação que não era quadrada, mas era pontiagudo como um triângulo, às vezes circulas e meio esférico, isso às vezes se achatando como uma bola de beisebol...”

tem duas marcas de tempo dadas pela percussão e uma coisa que tenderia a demonstrar que isso vai um pouco se constituindo com o um cheio – não é mais uma linha, ela vai tendendo a formar um repolho, uma coisa assim...

em alguns momentos há essa organização que pode se configurar mais redonda, mais pra baixo, mais pra fora, mais pra dentro...

esse repolho é espacial, esse movimento helicoidal é espacial, quer dizer, ela [a música] é espacial.

Ele envolve climas da expansão, de retração, que envolve uma relação de espaço.”

(2008 pág. 17)

Com o passar do tempo fiz algumas aulas de piano, não prossegui por falta de persistência e arrependo-me, porém, não ter continuando no piano não me afastou da música continuei fascinada pelos instrumentos e suas formas e pelos sons.

Mesmo depois de adulta nunca deixei de ouvir da maneira como ouvia quando era criança, separando os sons, criando formas para eles, criando imagens. Crio e ou relaciono os sons que escuto com formas, para torná-lo visível, sinto o som dessa forma sinto que o som tem formas e/ou cores.

E essa relação com artes visuais e música foi crescendo junto comigo. Nunca separei essas duas artes, música e as artes visuais, ouvir música e pintar ou desenhar para mim se completam e muitas das formas que crio para minhas pesquisas plásticas estão diretamente ligadas com o que escuto.

Crio formas para os sons que escuto sejam barulhos ou músicas relaciono a formas e ou a cores para elaborar minhas composições plásticas.

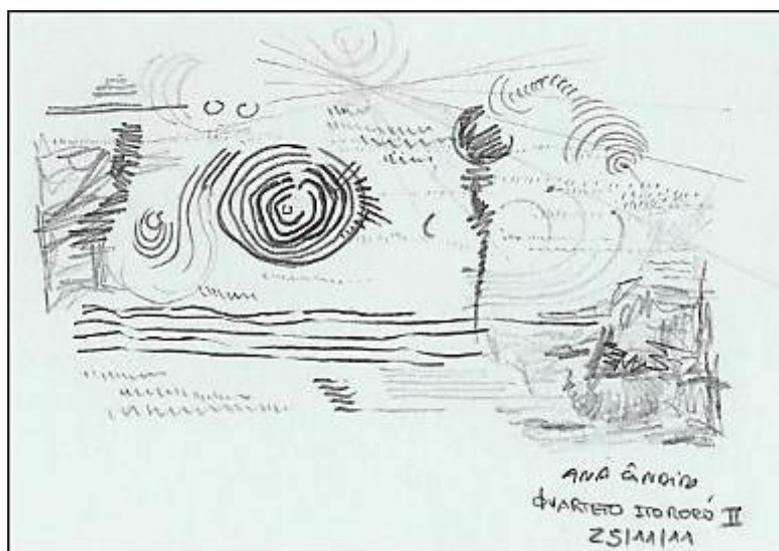


Fig 2: Desenho. Interpretação da música COISA Nº 1 de Moacir Santos, executada pelo Quarteto Itoboró.

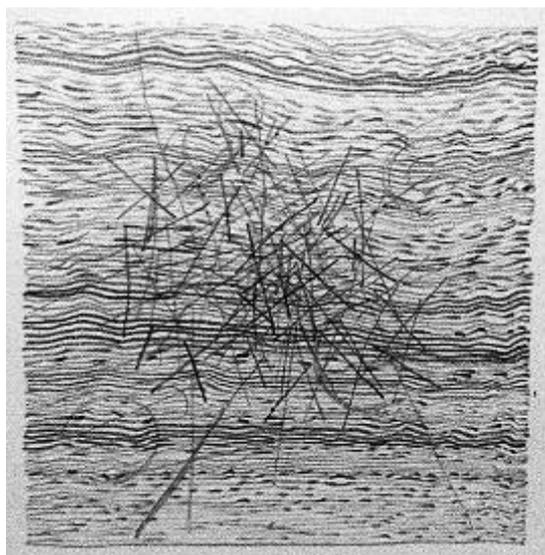


Fig 3: Desenho estudo sobre ruidos.

Isso ficou mais claro quando entrei para faculdade, no curso de Artes-Visuais Desenho e Plástica, pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). O trabalho plástico que desenvolvi ao longo do curso teve como foco, em primeiro lugar, as formas de instrumentos; mais tarde, precisamente, o violão. Explorei sua forma, a desconstruí, reinterpretando-a.

Em outro momento a música e o som passaram a ter uma importância maior, definindo a paleta de cores vivas.

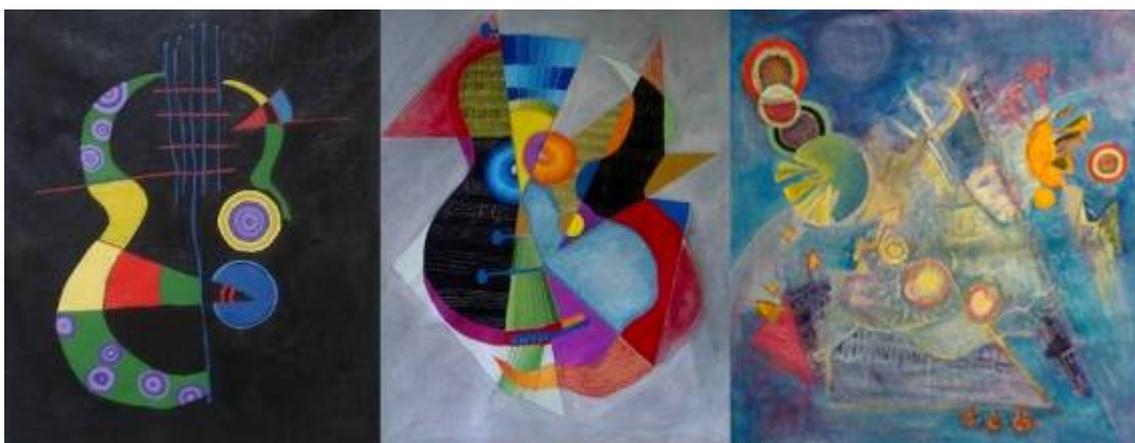


Fig. 4: Telas realizadas nos primeiros semestre da faculdade de artes.

Estudos para violão de Heitor Villa Lobos, assim como o *Concierto de Aranjuez*, de Joaquim Rodrigo fizeram parte de algumas construções plásticas

que realizei. Porém, foram com determinadas músicas de Egberto Gismonti que as formas e paleta muda, tornando-se mais constante, baixa e mais harmônica.



Fig.5: Telas do penúltimo semestre.

Para o trabalho final da graduação, o silêncio e a pausa foi o tema de conclusão da pesquisa: a pausa como um fechamento de um movimento e possibilidade de início de outro, movimento, outro som. O trabalho teve como título “Música de Sobrevivência”, uma referência ao álbum de Egberto Gismonti, que leva esse mesmo título.



Fig.6: Telas do último semestre.

Continuando com essa costura de lembranças e caminhos alinhavados, foi a partir das lembranças de infância, e da minha relação com o som, que a curiosidade foi surgindo sobre como as crianças de hoje se relacionam com os sons, como representam de maneira plástica os sons e músicas que ouvem; como acontece esse processo de criar imagens para algo abstrato como a música e os sons. Podemos imaginar paisagens e situações, mas criar e buscar uma forma para som, como se faz isso? Como as crianças fazem isso? De que maneira se relacionam com esse processo de criar a partir da música? Essas questões fizeram com que fosse desenvolvida a Oficina Riscando Sons, que origina a presente pesquisa.

Abri a “Maleta Azul” para refletir sobre a importância da imagem e do processo criativo na infância, buscar dentro dela as memórias das que tiveram importância no meu imaginário. Além dos discos que ouvia quando criança, que de certa forma até hoje estão presente como influência em meu trabalho e na maneira como me relaciono com as formas e sons. Segundo Cunha (2008 pg 1):

“A arte faz de conta. Crianças, artistas, fazem de conta que um rabisco, um objeto, um fragmento, um pensamento se transforme em uma outra coisa. Tanto as crianças, quanto àqueles adultos que persistem em deslocar a ordem estabelecida do mundo, compartilham de um pensamento similar, no sentido de que ambos propõem simulacros ou fingem que uma coisa é outra coisa. Artistas e crianças, percebem o mundo e dão sentido a ele através de formas singulares. Utilizam seus sentidos de forma mais aguçada do que a maioria dos adultos que deixaram para trás esta capacidade humana de ver, imaginar e simbolizar.” (Rangel, Como vai a Arte na Educação Infantil? Educação - Arte-educação)



Fig.7: Imagens da minha memória.

A oficina Riscando Sons, integrada ao projeto Escola Aberta¹, que criei e atuei por entre os meses de maio a outubro de 2012 foi desenvolvida em forma de encontros aos sábados. As crianças que frequentaram a oficina tinham idade entre 8 e 13 anos, por ser uma oficina de participação livre. O número de crianças variou em cada encontro. Em um primeiro momento pensei que poderia ser um problema, mas com o tempo percebi que esse não foi um fator que pudesse ter prejudicado os bons resultados da oficina. No entanto a maior parte dos desenhos que apresento ao longo da pesquisa é de crianças que tiveram maior frequência nos encontros, com exceções de casos especiais e vieram a somar e enriquecer a pesquisa e os relatos.

A partir desse interesse e curiosidade que eu tenho a respeito das crianças e de como elas se relacionam com o som, que fui traçando linhas para criar a oficina Riscando Sons. Em um primeiro momento não sabia como seria feita essa observação, já que nunca atuei como *oficineira*, muito menos como educadora.

Um desafio estava por vir.

As ideias foram tomando forma e eu definindo como gostaria de me relacionar com as crianças, para que o trabalho fosse produtivo, e gratificante principalmente para elas.

A ansiedade e expectativa eram minhas companheiras.

Deparei-me com questões como, “o que eu queria com isso?”, “com desenvolveria as atividades?”, “Quais seriam as atividades?”. E a pergunta mais aterrorizante de todas aquelas que já me fazia tremer “E se as crianças não gostassem das propostas e não colaborassem?”.

Eu, artista, sozinha produzindo arte de maneira tímida, teria agora que compartilhar com crianças aprender com elas trocar experiências, e criar, essa foi a palavra que no decorrer da oficina teve toda a importância: *Criar*.

¹ Programa Escola Aberta tem como objetivo incentivar a abertura de escolas públicas de educação básica nos finais de semana e as atividades são organizadas em forma de oficinas. O Programa é coordenado pela Secretaria de Educação Básica (SEB/MEC), e com a cooperação da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO.

Além de muitas interrogações fluando em minha cabeça, eu tinha algumas coisas claras, queria ver como elas criam, queria propor desafios, ser um meio para estimular a curiosidade, queria ensinar a ver, escutar e sentir.

E foi com essas dúvidas e vontades, que a oficina Riscando Sons foi sendo desenvolvida, toda semana era uma expectativa para saber como seria o primeiro sábado em que iríamos nos encontrar.

Eu estava com a vontade e a curiosidade nas mãos, assim comecei o rascunho do que seria a oficina Riscando Sons. Sabia o que queria, porém não tinha ideia de como começaria, minha formação como bacharel talvez não ajudasse a tornar as coisas mais práticas, sempre trabalhei sozinha, minha pesquisa visual, minha maneira de pensar arte, só percebi isso quando me deparei com os encontros da oficina, como contarei mais adiante.

Sobre a elaboração das atividades realizadas na oficina posso dizer que não foram elaboradas de uma só vez, mas pouco a pouco a cada encontro, como quem compõe uma música nota por nota em busca de uma harmonia. Foi assim que compus junto com as crianças que participaram da oficina esse trabalho.

Quando idealizei a Riscando Sons até o primeiro encontro, estava tudo no papel, diário de campo para a coleta de impressões, iria fotografar, filmar, e coletar os desenhos e pinturas feitos em sala aula. E tudo daria certo, iríamos trabalhar com sons produzidos em sala de aula e músicas, cada encontro seriam propostos discos de artistas que não fossem conhecidos pelas crianças, iríamos ouvir e desenhar o que estava proposto como som ou música, a ideia era essa.

3. O primeiro dia : “Wei-Ji”

“Wei-ij, locução composta pela junção dos ideogramas perigo e oportunidade. Por esse viés, quando alguma coisa entra em crise a situação não apenas se mostra arriscada, mas e vista também como possibilidade de mudança”. (DUARTE Jr, 2010 p.69)

Dessa maneira posso descrever o que foi o primeiro encontro da oficina, embora eu tenha levado um pouco mais de tempo para perceber a crise como possibilidade de mudança, foi nos primeiros encontros que questões a cerca da educação, e maneira de elaboração das atividades e comunicação com as crianças surgiram.

No primeiro encontro com as crianças lembro-me de sair com tudo esquematizado no papel, ansiedade, alegria e nervosismo se misturavam.

Chegando à escola as crianças também estavam com uma grande expectativa de como seria essa nova oficina.

A proposta do primeiro encontro seria conversar com as crianças, conhecer um pouco do ambiente e da escola, depois dessa conversa partiríamos para atividade pratica. Umas das coisas que sempre tive em mente, e que com certeza foi o primordial para o sucesso da oficina, foi a criação de vinculo afetivo, sempre acreditei que era preciso criar esse vinculo, para que as atividades acontecessem, acredito que quando se cria vinculo afetivo as dificuldades são vencidas com mais facilidades, sabia que as atividades da oficina não eram tão simples e que de alguma maneira poderiam intimidar as crianças.

No diário de campo a atividade prática do primeiro encontro foi descrita da seguinte maneira:

“Primerio encontro, foi meio bagunçado, as crianças não se mantinham concentradas, porém estavam dispostas a fazer as atividades. As crianças de 6 anos tiveram maior dificuldade de compreender a atividade. Conversamos, rimos, e perguntei se o som tinhaforma, e todas disseram que não, Perguntei se era possível imaginar forma para o som e todas disseram que não.

Em geral todos demonstraram dificuldade em criar imagens que não existem, em imaginar. A primeira proposta foi que eles desenhassem o som que eu fizesse, imaginassem formas para esse som, desse formas para ele, o som que fiz foi batidas no vidro da janela,

sucessivas e ritmadas (tamtam , tamtam , tamtam , tamtam). A maioria dos desenhos que as crianças fizeram mostraram um tambor, coração, ou chuva. Elas relacionavam o som com objetos ou com alguma coisa que as lembrassem do som. Quando expus a proposta todas disseram que entenderam, e que sabiam o que era para fazer." (diário de campo 12/05/2012)

Desenhos da primeira proposta

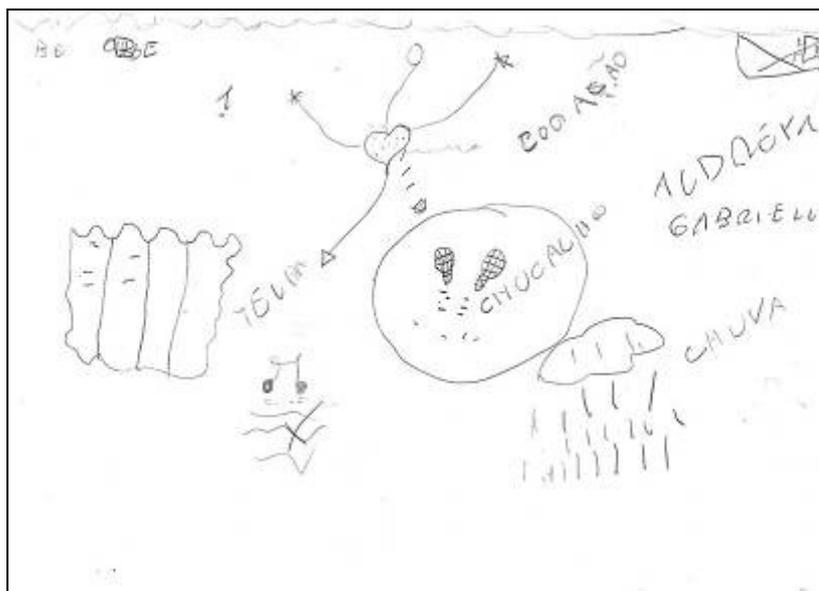


Fig. 8: Desenho de Aldreyn 8 anos

A menina representou o som de batidas na janela com: chocalho, chuva, telha de zinco (chuva na telha), trovão, coração, timidamente em meio a formas esta uma nota musical.



Fig. 9: Desenho de Sarah 11 anos

Sarah representou a mesma proposta com, coração, a menina disse que o coração representaria o som de batidas do coração, além do coração a menina desenhou telhado, pois disse que o som parecia de chuva no telhado e um tambor.

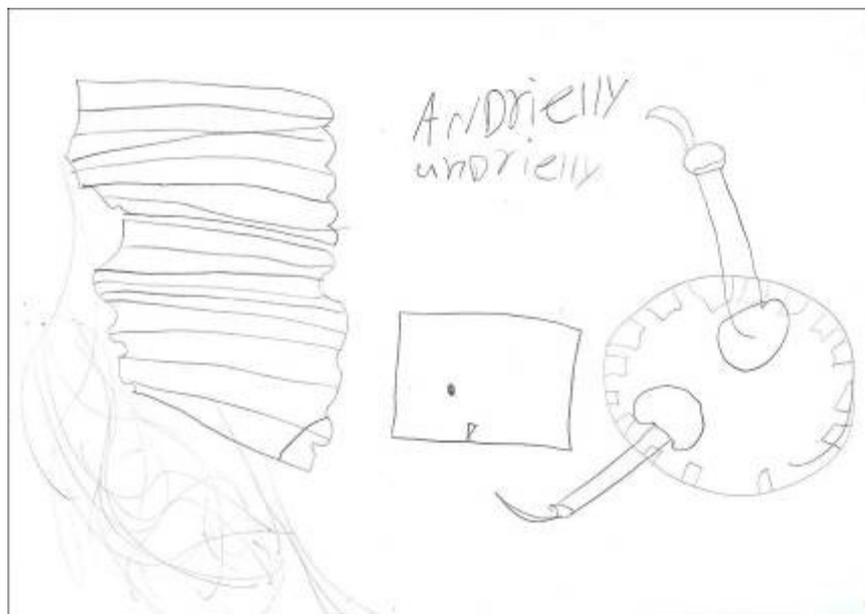


Fig. 10 : Desenho de Andrielly 12 anos

A menina representou a chuva no telhado e tambor.



Fig. 11: Desenho de Andrielly.

A maioria das crianças representaram tambor, e coração, sobre o tambor me justificaram que as batidas tinham ritmo como se fosse de índios, disseram também que lembrava *o começo de chuva na telha* isso por causa do vidro da janela que vibrava quando recebia as batidas. Sentamos em círculo para analisar os desenhos e me deparei com nada do que eu imaginara. Nenhuma criança representou o som sem associa-lo a algo conhecido, objeto e/ou acontecimento.

Expliquei mais uma vez o que havia sido proposto para dar início a segunda proposta, sugeri para que, usassem a imaginação para criar algo que como as próprias crianças disseram “não existe”.

“Segunda proposta ruído do rádio sem estar sintonizado”.

“As crianças se concentraram mais, não ouve conversas paralelas, e a expressão dos rostos mudaram: seriedade, dúvida.

Novamente os desenhos apresentavam objetos que as crianças relacionaram com o som. Secador de cabelo, carro, celular entre outros. Reunimos-nos mais uma vez conversamos sobre o tema e eles disseram não compreender com clareza o que foi proposto, eu queria que eles expressassem o que sentiam, queria ver como eles sentiam o som.

Problema: a comunicação: Preciso achar uma maneira de ser mais clara.”

(diário de campo 12/05/2012)

Acredito que a minha inexperiência em sala de aula tenha contribuído para os resultados não satisfatórios do primeiro encontro.

Parti para casa depois do primeiro encontro, com um enorme ponto de interrogação na cabeça. Como me fazer entender?

3.1 E agora José?

“No meio do caminho tinha uma pedra
tinha uma pedra no meio do caminho
tinha uma pedra
no meio do caminho tinha uma pedra.” [...]

(ANDRADE, *No meio do caminho*, 1930)

Questões que surgiram no primeiro encontro com as crianças da escola Dolores, e a busca por respostas e soluções para essas foram de grande importância para o sucesso da oficina. Sabia que a criação de vínculo afetivo com as crianças, nos tornaria mais próximos, e faria a oficina se desenvolver com mais liberdade, e dinamismo. Tinha certeza: não queria as crianças exaustas e sem vontade, queria que tivessem vontade e se entregassem as propostas, para sentirem de fato a música para que fizesse de alguma maneira diferença em suas vidas. Passei a refletir sobre minha infância, os tempos eram outros, percebi que esse era um dos problemas na minha comunicação com as crianças da Oficina, “E agora José? Eu cresci e estou idealizando uma infância que não é mais a mesma de vinte anos atrás”, as músicas que tocam no rádio não são mais as mesmas, os programas de televisão não são mais os mesmos, e vivemos em uma era digital, onde viver sem celular, televisão, e internet é quase impossível para a maioria das pessoas. Temos informação de toda a parte do mundo ao mesmo tempo agora, por toda a parte que olhamos um bombardeio de imagens. Será que temos tempo para criar nossas próprias imagens?

“Mas convém não esquecer que Galileu expulsou dos domínios da ciência tudo aquilo que não é quantificável na matéria. O resultado é desastroso, pois perdemos a criança junto com a água da bacia atirada fora. Com a visão, o olfato o tato, foram-se a sensibilidade estética, a ética, os valores, a qualidade e a forma. Foi-se o espírito. Agora, aqui estamos com nossas fitas métricas e podemos medir cada enésimo de milímetro da superfície das coisas. Ocorre que elas também têm profundidade, mas as nossas fitas métricas não são capazes de penetrar o seu interior” (Frei Betto *apud* 1997, DUARTE Jr, 2010 pag. 65)

Acredito em uma crise de nossos sentidos, que esta ligada diretamente com o desenvolvimento de nossa criatividade, e na capacidade de inventar nossas próprias formas, e imagens. Esta tudo pronto, resolvido e embalado para viagem, e a viagem é rápida os olhos voltados para a tela dos computadores, e celulares, nos fazem perder a paisagem. João Francisco Duarte Jr, em seu livro O Sentido dos Sentidos, a educação (do) sensível, diz:

“O fato é que o exponencial desenvolvimento tecnológico a que estamos assistindo vem se fazendo acompanhar de profundas regressões nos planos social e cultural, com um perceptível embrutecimento das formas sensíveis de o ser humano se relacionar com a vida” (DUARTE Jr, 2010 pág. 70).

O autor continua expondo o quando nosso mundo moderno esta doente, ele fala da estética de nossas moradias, do quanto os prédios estão crescendo e perdendo a serventia para os olhos, são simplesmente funcionais, não alimentam nossos sentidos, que passam despercebidos.

Nós adultos nos acostumamos com esse endurecimento, e as crianças crescem com ele.

“Uma racionalidade funcionalista, portanto, veio fazendo de nossas moradias e locais de trabalho um espaço bem pouco expressivo e acolhedor, tornando-se, em seu interior, pessoas desconfortavelmente instaladas no que toca à satisfação estética dos nossos sentidos.” (DUARTE Jr, 2012, pág. 79)

Assim ele descreve nossa maneira contemporânea de viver, em lugares com propósitos práticos e funcionais. Outra questão levantada pelo autor é o conversar, trocar ideia, compartilhar concordo quando ele diz que nossos encontros propiciam poucas oportunidades para conversar, ou o som e muito alto impedem que possamos trocar algo em uma conversa, acrescento a ideia do autor a tecnologia, a televisão e os computadores substituem cada vez mais o papel do “outro”, amigo, ou companheiro conhecido de trocar a palavra falada, face-a-face, de trocar gestos e olhares, a internet nos proporciona manter contato virtual com nossos amigos e conhecidos, mas sempre falta, falta algo, falta o olhar, o toque, o tom de voz, falta a presença real. O autor conta um “causo” ocorrido em uma cidade da Inglaterra que vem a acrescentar muito a esse pensamento de “desumanização” de nossas relações, ele conta que nessa cidade os atendentes e funcionários da única agencia bancaria

foram substituídos por equipamentos eletrônicos, porém a reação da população foi forte que o banco foi obrigado a retornar ao velho sistema, de atendentes humanos. Os moradores disseram em entrevistas que essa atividade de ir ao banco era muito importante para eles, pois ali como disseram os moradores: *“as pessoas conversavam, trocavam informações, sentimentos, opiniões, fazendo, desta forma que todos se sentissem vivos e participantes do mundo”* (DUARTE Jr, 2010 pag. 88.)

Acredito que nossos sentidos foram afetados pelo progresso, não temos tempo para o sensível. Como foi citada anteriormente a dificuldade das crianças da Oficina Riscando Sons, em criar formas para o som, dificuldade de inventar o que não existe, ou ainda buscar em si a existência de uma forma nova. Somos formados pelas de imagens que vemos agora na tv, nas revistas na, rua e pelas imagens que que vimos no passado, armazenamos tudo que é refletido em nossa maneira de ver o mundo e de nos relacionar com ele e com certeza as imagens que vejo, e que vi, ficam guardadas e posteriormente utilizadas para relacionar e criar formas novas para minhas pesquisas plásticas, ou simplesmente para uma associação de ideias, as imagens da minha infância, como já foi citado estão vivas e presentes no meu amadurecimento como artista. Que imagens são essas que as crianças têm hoje? Não vou questionar aqui o que se vê hoje nos programas de televisão ou propagandas, mas a maneira como as imagens são apresentadas a maneira como nos fazem ver e perceber as coisas.

Nossa sociedade de imagens onde a visão é estimulada o tempo todo, porém ao desenvolver o olhar, o objetivo desse bombardeio visual é direcioná-lo e condicioná-lo a uma determinada percepção do mundo e da sociedade em que vivemos.

“Fechada entre quatro paredes de um apartamento, a criança se encontra hoje bombardeada por imagens que lhe chegam pela televisão, pela tela do computador, pelas fitas de vídeo, por revistas e jornais, etc., enquanto o mundo lá fora parece esfumar-se mais e mais, tornando-se uma experiência distante e algo inatingível.”

(DUARTE Jr, 2010, p. 96)

Cada vez mais nos distanciamos da realidade, criamos uma realidade, ou melhor, dizendo nos é apresentada uma “realidade irreal”, uma realidade

inventada que passa a ser a aceita, a experiência por percepção para sê-la substituída por sua representação, é o que vemos todos os dias, o tempo todo, e já não mais percebemos o mundo esta aí pronto para ser consumido, o mundo das imagens passa a superar o mundo concretamente vivido pelas pessoas.

“O real vem sendo recriado e melhorado nas imagens, torna-se nelas mais atraente do que a realidade circundante, a qual passa a merecer tão-só uma atitude indiferente ou até desdenhosa de nossa parte.”
(DUARTE Jr, 2010, p. 97)

A partir dessas questões que motivaram a reorganização da Oficina criando sons, foi preciso rever conceitos, repensar, a maneira como trabalhar a imagem, e o som para que o andamento da oficina fosse prazeroso e trouxesse resultados bons para mim e para as crianças.

Parti para a elaboração do segundo encontro, ainda tímido, mas com uma ideia em mente “desafiar, e ser um estimulador de curiosidade”.

4. Segundo dia – Fora de estação.

Após uma semana inteira de questões e pensamentos, minhas propostas de trabalhar com músicas e discos específicos ainda não poderiam ser postas em pratica, precisava buscar nas crianças o que elas ainda não tinha compreendido e ainda não tinha encontrado, o som nelas mesmas, desafia-las a encontrar esses sons e soltar tudo no papel.

Chegando à escola as crianças muito receptivas, aguardavam impacientes para saber o que iria acontecer. Sentamos em circulo para conversar apenas, ouvir as vozes, trocar olhares e apresentar a proposta. A proposta apresentada para o dia foi “Ruído do Rádio”, consistia em o rádio ligado sem estar sintonizado em nenhuma estação, apenas o ruído e o chiado.

Exposta a proposta, todos sentados em classes juntas com lápis e papel; no primeiro momento não disponibilizei cores, queria que fossem exploradas as hachuras, linhas e formas menos elaboradas, que a cor ainda não fosse elemento para os desenhos, eu queria que eles encontrassem a forma neles mesmo, buscando a sua própria interpretação do que seria ouvido. Em um primeiro momento os resultados foram os mesmo do primeiro encontro, representações de objetos que elas relacionaram ao som.

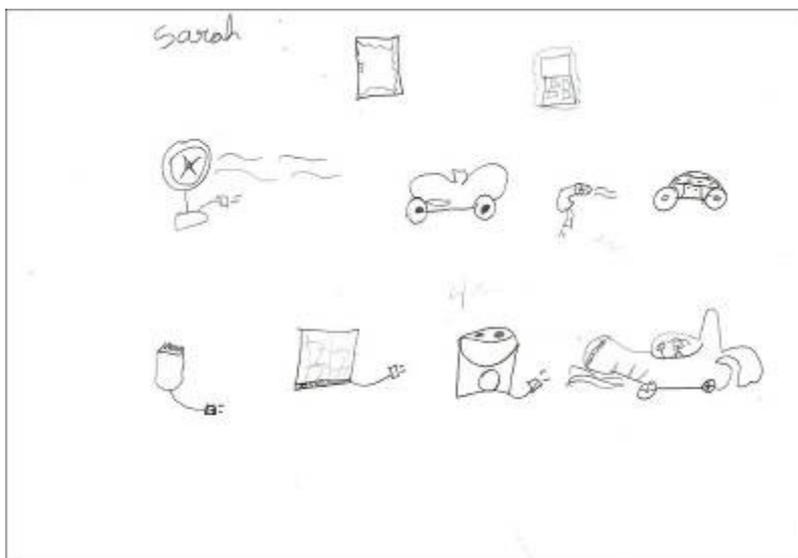


Fig. 12: Desenho de Sarah.

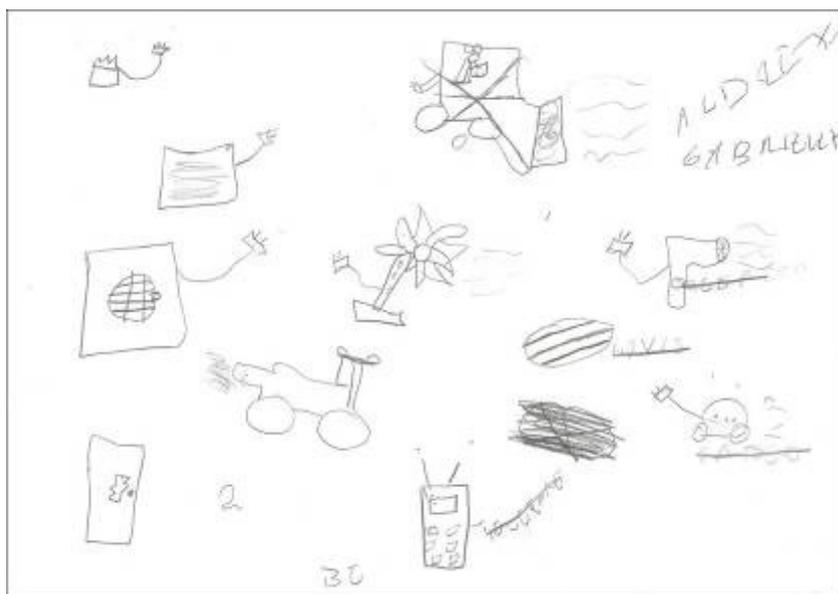


Fig. 13: Desenho de Aldreyn.

Exponho aqui um fragmento do diário de campo:

“ 19/05/2012 Oficina riscando Sons 2º dia - proposta: Ruído do Rádio, rádio ligado sem estar sintonizado.

Os desenhos mostram, mais uma vez objetos relacionados ao som.

Ex.; secador de cabelo, automóvel, celular.

Os reunimos e conversamos sobre o som e os ruídos. As crianças começaram a mudar a expressão do rosto num “hummm entendi”. Pedi para que sentisse no peito o som. Para que fechassem os olhos ouvissem atentamente e buscassem na mente e no peito sentir o som.”



Fig. 14: Crianças desenhando na oficina Riscando Sons

Voltamos a sentar em círculos para discutir e compartilhar o que havia sido feito, e como é descrito no diário, a maioria dos desenhos representava objetos do cotidiano, dispostos um a um, como sequencia de imagens que vieram à mente a media que relacionavam com o ruído do radio. Nesses desenhos fica mais evidente a preocupação com o desenho do colega, nos primeiros essa preocupação não ficou tão evidente, havia uma preocupação, uma espiada no desenho do colega, para ver como ele fazia, e para lembrar demais imagens, percebo analisando os desenhos que a quantidade de imagens lembradas fica evidente. De todos os desenhos apenas um foi diferente de todos confesso ter causado em mim certa alegria percebi que com aqueles desenhos poderia estar no caminho certo, teria que apenas saber direciona-lo. O desenho em questão foi de uma menina (idade) ela representou meteoros, no universo e me disse que aquele som do radio *“parece assim sora, o som dos planetas do universo, sei lá”*. Ela ainda escreve no desenho *Galáxia caindo do céu*, interessante perceber que esse é o primeiro desenho que apresenta algo como ondas sonoras, abaixo dos “meteoros” essa forma de ondas, mais tarde passa a ser uma frequente entre os desenhos das crianças, e percebo que representam o ritmo.



Fig. 15: Desenho de Andrielly.

Esse desenho foi o impulsionador para que eu não desistisse, ele veio dizer que estava dando certo, estávamos no caminho, não só eu, mas a turma

toda. Depois de sentarmos para conversar e mostrar os desenhos, voltamos mais uma vez para a atividade, todos dispostos a “sentir né sora?”, sentir o som.

Alguns com o rádio ligado, o silêncio das crianças foi instalado na sala, ninguém conversava, nem se preocupava com o desenho do outro. Ou com padrões de beleza, e de forma, não percebi que naquele momento não estavam preocupados com acabamento, com a nitidez e representação de objetos importante ali era sentir e criar. E os resultados foram outros.

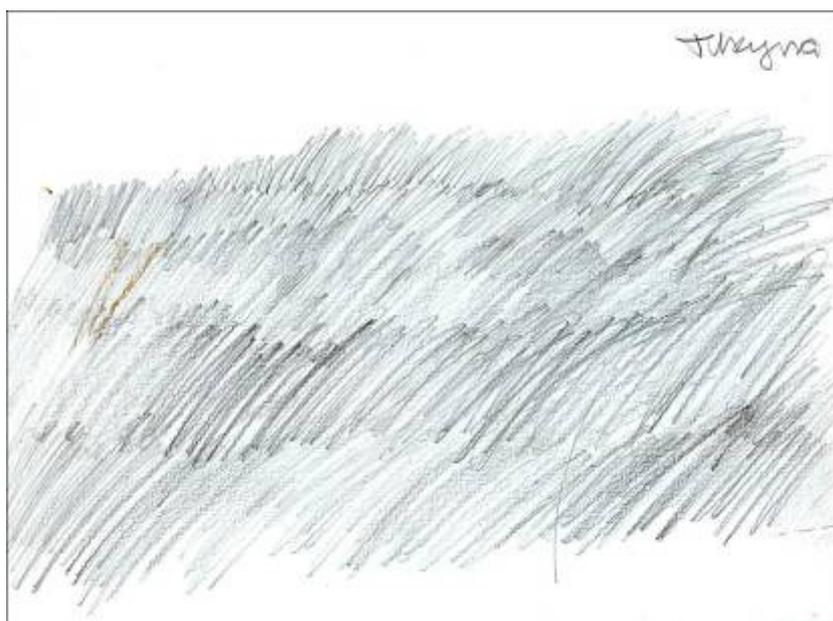


Fig. 16: Desenho de Thayna, 12 anos.

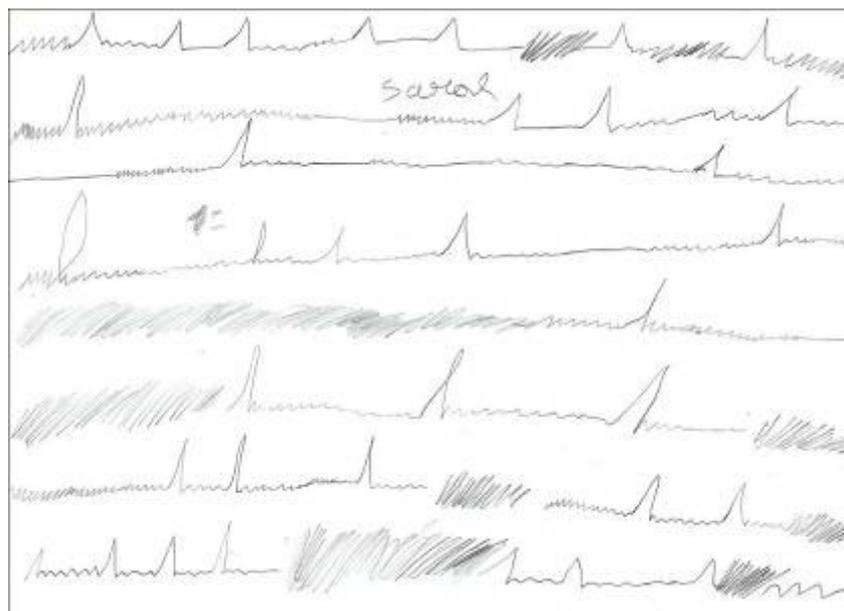


Fig. 17: Desenho de Sarah.

Pode-se observar nesse segundo momento da proposta que os desenhos mudam radicalmente, o som já é representado por riscos, por formas lineares, que correspondem diretamente ao som, sem associação de outra imagem, nesse momento há imagens criadas, inventadas como se fosse uma identidade para o determinado som.

Depois de alguns minutos, sentamos novamente em círculos para a análise dos desenhos, e as crianças hesitaram muito em mostrar os desenhos, o motivo, *“ta feio sora, e só um monte de rabiscos”* dizia uma delas, todas se sentiam envergonhadas em mostrar o que haviam produzido. Uma questão me veio em mente, Porque isso aconteceu, porque esse medo em errar, ou ser reprovado?

Penso que um dos motivos, além daqueles que foram citados nas considerações anteriores sobre a crise dos nossos sentidos, esta forma como a educação direciona a opinião e senso crítico das crianças, o estímulo à competitividade, deixando de lado o esforço, o caminho o processo para se chegar até o resultado final de certa atividade, a fragmentação do ensino, onde uma coisa é uma coisa e não pode ser muitas e querendo de nós apenas uma resposta, não levando em consideração as possibilidades de cada questão.

Segundo Duarte Jr (2012)

“Assim, em nosso ambiente escolar, essa separação razão e emoção é não só mantida como estimulada, Dentro de seus muros o aluno deve penetrar despindo-se de toda e qualquer emotividade. Sua vida e suas experiências pessoais, não contam.” (p. 32)

Ainda sobre o ensino, autora Susana Rangel Vieira da Cunha (2009) complementa:

“As produções visuais (pintura, desenho, escultura, colagem, entre outras) resultantes destas abordagens acabam gerando estereótipos formais, espaciais, colorísticos, temáticos e também conceituais que dificilmente serão transformados em representações singulares. Adestrar a mão ou deixar que as crianças explorem livremente materiais não pode ser considerado uma proposta pedagógica em arte. Tais procedimentos levam as crianças a repetirem formas mecanicamente e a passarem o resto de suas vidas desenhando árvores com maçãs, casinhas, nuvens azuis e morros marrons. E assim, as crianças perdem a possibilidade de conhecer, ver e representar o mundo a partir de outros referenciais e repertórios imagéticos.”(p.5)

Percebo que não somos desafiados, o ênfase é dado ao pensamento racional, estamos fragmentados, e usamos um pensamento fragmentado,

enquanto as coisas todas estão interligadas, fazemos parte de um universo de possibilidades interligadas. Duarte Jr. Usa o termo “esquartejamento mental”, em seu livro Por que Arte educação? Ele afirma:

“A escola, por conseguinte, inicia-nos desde cedo nas técnicas do esquartejamento mental, separando razão e sentimentos. Isso é compreensível segundo a lógica que rege a moderna sociedade industrial: os indivíduos devem produzir, num esquema racionalista, sem deixar as emoções e os valores pessoais interferirem no processo.”(2012, p. 32)

Acredito que as aulas de artes sejam o momento de descontração, mas também o momento em que o aluno pode buscar por ele mesmo, pode expressar seus sentimentos, dizer aquilo que no cotidiano de sala de aula não cabe ser dito nem exposto é o momento do aluno soltar a imaginação.

“A criança é socializada: adquire uma linguagem e, com ela, uma determinada forma de falar, pensar e agir, segundo a cultura em que está.”(DUARTE JR, 2012, p. 26)

E em nossa cultura, padrões de beleza e forma são ditados o tempo todo, o certo e o errado são as leis, o entre eles não existe, é esse entre “certo e errado”, que esta o processo para chegar a algum lugar ou lugar algum.

Expliquei para as crianças que o importante ali em nossas atividades era o caminho, o processo criativo, o resultado final era apenas uma consequência dessa exploração e descoberta. Sendo assim, pouco a pouco foram mostrando seus desenhos. Com certeza foi esse o instante que criamos um vínculo afetivo que até o fim dos encontros foi fundamental para que esses fossem prazerosos e produtivos para mim e para elas.

Após a atividade do Rádio sem Sintonia, as crianças saíram empolgadas curiosas, e já queriam saber o que seria feito no próximo encontro, eu não tinha a mínima ideia do que seria feito, só sabia uma coisa. Estava dando certo.

Quando criei à oficina a ideia central seria trabalhar com discos específicos e música específica, com os primeiros encontros percebi que o processo para chegar ate um disco especifico teria que ser mais lento, teríamos que antes disso explorar a forma, e a maneira de buscar essas formas. Depois desse encontro com o Rádio sem Sintonia, propus outro encontro com rádio, porém trabalhamos com estações de rádio aleatórias, nenhuma especifica e nenhum estilo de música específica. Algo importante a

ser observado, as crianças que já haviam participado dos primeiros encontros orientava as que estavam na sala pela primeira vez, de como era a oficina, e qual a proposta, uma das meninas que frequentou a oficina do início ao fim, sempre dizia *“é assim ó, tu tem que desenhar, a música que a sora vai mostrar, ou o som, tu tem que inventar um desenho.”*, outra completava *“tu tem que sentir o som, daí a imagem vem na tua cabeça.”*

Nesse encontro em que trabalhamos com músicas aleatórias de estações de rádio, não me fixei em nenhuma estação específica por vezes nem deixava que uma música se completasse e trocava para outra estação, começamos a usar a cor, disponibilizei lápis de cor e os resultados foram os seguintes desenhos:

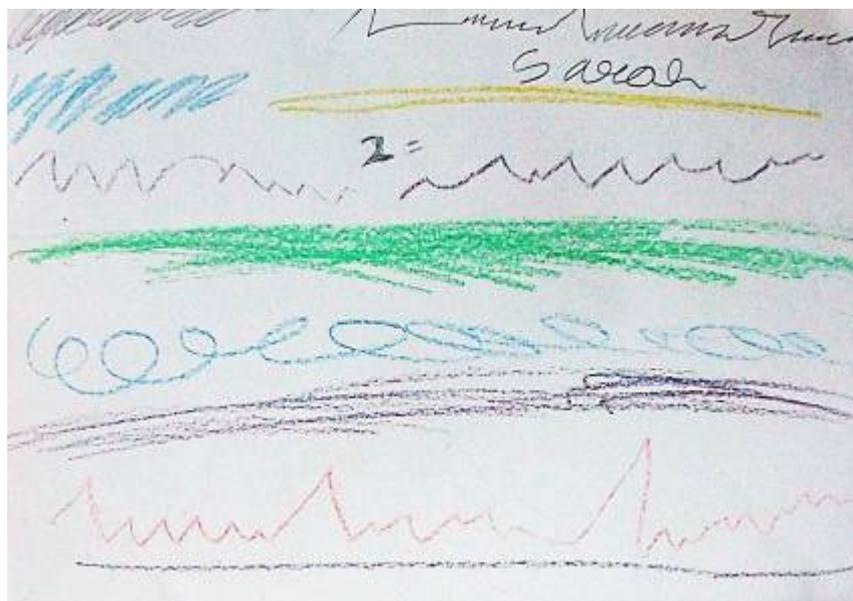


Fig. 18: Desenho de Sarah.

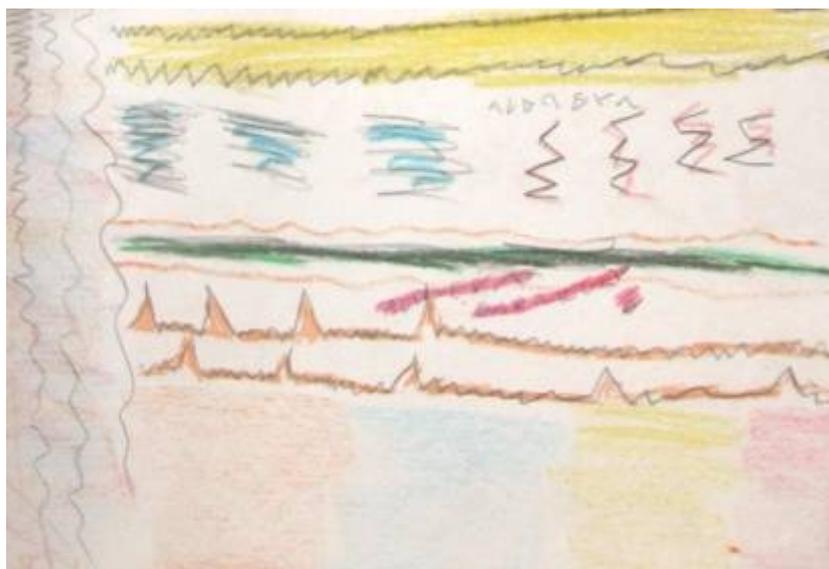


Fig. 19: Desenho de Aldreyn.

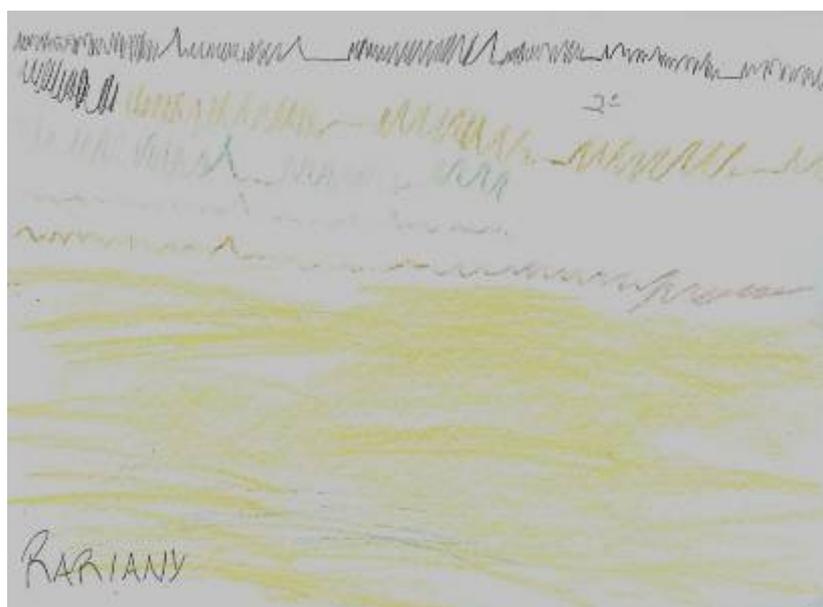


Fig. 20: Desenho de Rariany, 10 anos.

A turma apresentou a mesa empolgação e entusiasmo, porem não hesitaram em começar a desenhar, pequenas pausas para ouvir a música, e desenhar seu ritmo, as formas agora possuem cores, e predominam as linhas, e hachuras. No processo de criação dessas imagens não havia uma grande concentração, havia vontade de fazer, conversas paralelas, troca com os colegas, as crianças ajudavam umas as outras conversando sobre as músicas. Os resultados são satisfatórios, e não há mais a vergonha de mostrar o que foi feito.

4.1 Pausa

“Não há som sem pausa... O som é presença e ausência, e está por menos que isso pareça permeado de silêncio. Há tantos ou mais silêncios quantos sons no som, e por isso se pode dizer, com John Cage, que nenhum som teme o silêncio que o extingue. Mas também, de maneira reversa, há sempre som dentro do silêncio: mesmo quando não ouvimos os barulhos do mundo, fechados numa cabine à prova de som, ouvimos o barulhismo do nosso próprio corpo produtor/receptor de ruídos (refiro-me à experiência de John Cage, que se tornou a seu modo um marco na música contemporânea, e que diz que, isolados experimentalmente de todo o ruído externo, escutamos no mínimo o som grave da nossa pulsação sanguínea e o agudo do nosso sistema nervoso).” (WISNIK, 1989 p.18)



Fig. 21: Atividades realizadas fora da proposta da oficina.

Acreditei ser pertinente pausar as atividades da oficina, para a exploração de material, brincar e conversar com as crianças. Não segui a proposta de ouvir e desenhar os sons ou músicas continuamente dei algumas pausas das propostas, trocando a atividade para simplesmente exploração de material, senti que as crianças precisavam soltar-se mais, abandonar qualquer vestígio de medo ou receio, além da necessidade de experimentar o material, em alguns encontros trabalhamos desenhos livre, e trocávamos experiências sobre sons, pois desde o ultimo encontro uma determinada menina falou-me divertindo-se *“Sora eu agora fico atenta, o chinelo da minha mãe faz CHUEP, CHUEP, CHUEP, eu até tentei desenhar isso”*, outra completou dizendo que prestava atenção antes de dormir nos barulhos da rua, e ficava imaginando formas. Achei pertinente que estivéssemos mais próximos para conversar, para nos conhecer, trocar experiências e mais livres para criar

5. Pintando Sons

“A arte não reproduz o visível, mas torna visível. A essência da arte gráfica conduz facilmente, e com toda razão, para a abstração. O modo esquemático e fabuloso do caráter imaginário se oferece e ao mesmo tempo é expresso com grande precisão. Quanto mais puro for o trabalho gráfico, isto é, quanto maior a ênfase sobre os elementos formais em que se baseia a apresentação gráfica, menos apropriado será o aparato para a apresentação realista das coisas visíveis.”
(KLEE, 2001, p 43,)



Fig. 22: Crianças pitando na oficina Riscando Sons.

Propus em um dos encontros que trabalhássemos com tinta guache, a expectativa era grande, todos queriam experimentar o material e desenhar a música. Ainda não achei que era momento de apresentar algum disco específico, portanto trabalhamos mais uma vez com rádio, proposta semelhante a anterior, das estações de rádio, porém, escolhi a Cultura FM, por apresentar músicas diferentes do que as crianças da oficina estavam habituadas a ouvir. Em geral o que era a preferência entre as crianças, era Rebeldes, e o Funk, por vezes dançavam os funks e cantavam, apresentei a cultura FM e não tive nenhum problemas de rejeição das crianças com as músicas, em alguns momentos passei por outras estações com músicas mais dançantes o pop da moda.



Fig. 23: Crianças pintando na Oficina Riscando Sons.

Os resultados dos desenhos e no comportamento das crianças, demonstraram interesse, oscilavam entre agitação e concentração; exploraram o material com camadas grossas de tinta e em outros momentos mais aguadas, variavam formas e cores. As conversas paralelas não duraram muito, havia grande concentração nas músicas e no fazer, e explorar a tinta.

Mais uma vez não os direcionei, deixei que explorassem livremente o material, percebendo o que dava certo ou não, camadas muito grossas e com muita água rasgavam as folhas, muitas camadas demoravam a secar, assim foi o curso da atividade descobertas e tentativas, troca com colegas e resultados que mostram o caminho de curiosidade e transformação.



Fig. 24: Crianças pintando na Oficina Riscando Sons.



Fig. 25: Desenho de Thalyne, 10 anos.



Fig. 26: Desenho de Thayna, 12 anos.



Fig. 27: Desenho de Sarah.



Fig. 28: Desenho de Sarah.

Como se pode perceber a evolução das crianças e notável, vimos nos primeiros desenhos insegurança em ousar ou arriscar, e nesses últimos a liberdade com que elas usaram o material e se entregaram a proposta. Sobre as formas podemos perceber que temos formas estruturadas, e manchas, as cores são misturadas, poucas cores puras, as pinceladas também são

exploradas, diferentes maneiras de direcionar as pinceladas, modelando a tinta.

Reunimo-nos para conversar, as crianças contaram o quanto gostaram da proposta e que sentiram a música e davam exemplo de como haviam construído as formas:

“ sora eu me concentrei e senti dai fui fazendo junto com a música, por exemplo, quando a cantora fez Uuuu, eu fui pintando assim, depois fez aquela parte taraamm e eu fiz isso”

Questionei-as sobre o uso das cores, e foi dito pela maioria:

“Quando a música era assim lenta a gente usou o preto e quando era mais pra dançar a gente usou mais cor.”

6. O Som da Concha



Fig. 29: crianças da oficina escutando a concha, como proposta.

A transformação era visível, as crianças que frequentavam a oficina desde o início, ajudavam as que iam pela primeira vez nas atividades, mostravam-se familiarizada em “ver o som”. Com essa transformação decidi partir para uma atividade mais subjetiva, apresentei uma concha grande para que elas escutassem em um primeiro momento representassem qualquer imagem que viesse em sua imaginação.

As crianças faziam silêncio, pois era uma concha apenas, e o silêncio era importante para que quem estivesse ouvindo pudesse se concentrar criar o desenho.

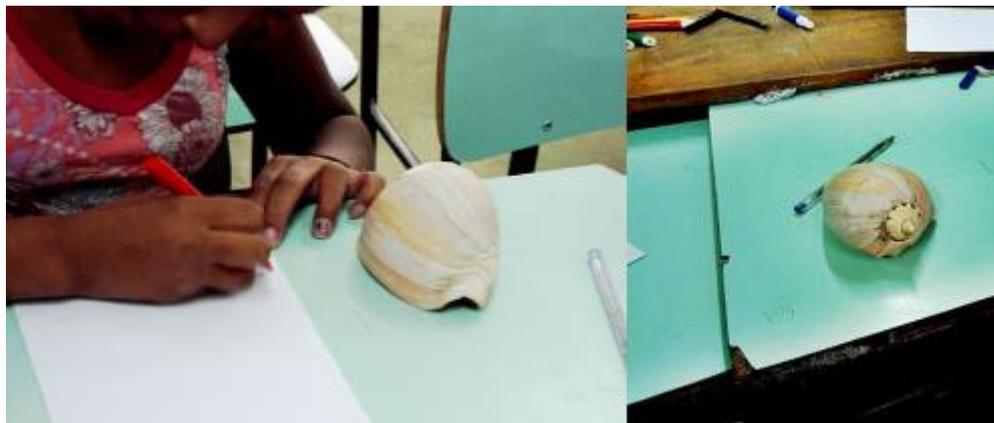


Fig. 30: Atividade da oficina Riscando Sons, com a concha.

Percebi que essa fora uma atividade que sendo uma atividade lúdica foi inspiradora para as crianças, com essa atividade eu sentia que estava chegando o dia de começar a trabalhar com músicas mais complexas, e discos específicos.

Os resultados dessa atividade foram, em um primeiro momento desenhos de praia, bob esponja, águas vivas cor de rosa do mesmo desenho Bob Esponja, poemas para, e dedicatórias para mim. O mar e o azul prevaleceram, além dessas formas, junto com elas alguns desenhos apresentam formas que antes eram utilizadas para descrever o som.



Fig. 31: Desenho de Sarah, sobre o som da concha.

Nesse desenho a menina escreve um versinho, e uma dedicatória direcionada a mim, *“A vida e comprida a vida e amor e carinho e paixão e harmonia”*, *“Sarah para sora Papi te amo muito carinho, em muito beijos obrigado sora papi eu gosto muito.”* As crianças que frequentavam a oficina me chamavam de Papi, um apelido que tenho desde de criança, e em uma de nossas conversas e brincadeiras contei a elas que gostaram e passaram a me chamar de Papi, *sora Papi*.



Fig. 32: Desenhode Yasmin, 8 anos, Bob Esponja na Praia. Dentro da atividade com o som da concha.



Fig. 33: Desenho de Sarah. Água viva do desenho Bob Esponja, atividade com o som da concha.

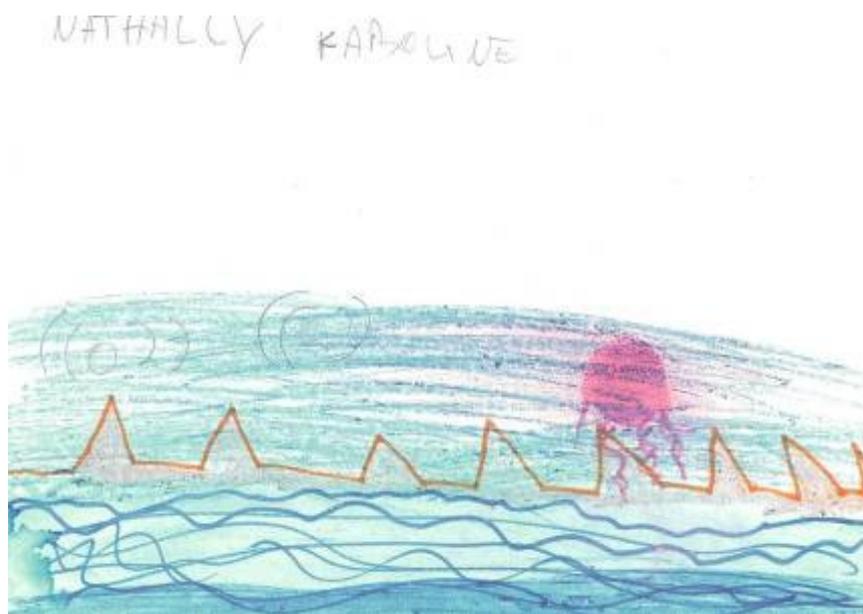


Fig. 34: Desenho de Nathally, 9 anos, água viva do desenho Bob esponja, atividade com o som da concha.

Em um segundo momento outros desenhos foram apresentados com formas Não figurativas, em que elas representaram o som com associações menos objetivas do mar e da água.



Fig. 35: Desenho de Audryen, formas não figurativas que representam o som da concha.

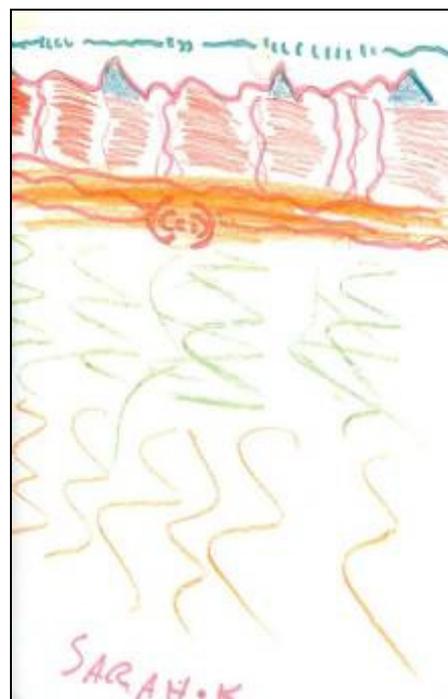


Fig. 36: Desenho de Sarah, formas não figurativas que representam o som da concha.

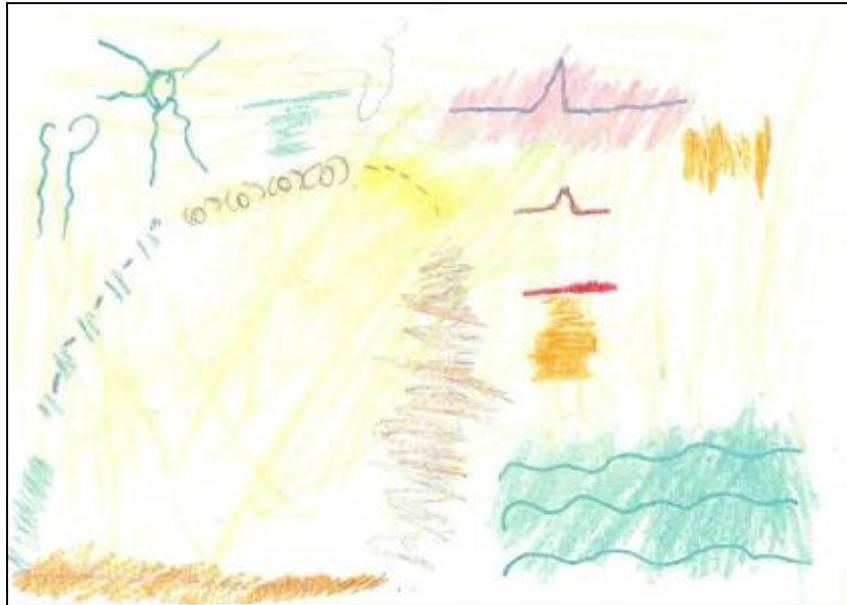


Fig. 37: Desenho de Thalyne. Representação com formas não figurativas do som da concha.

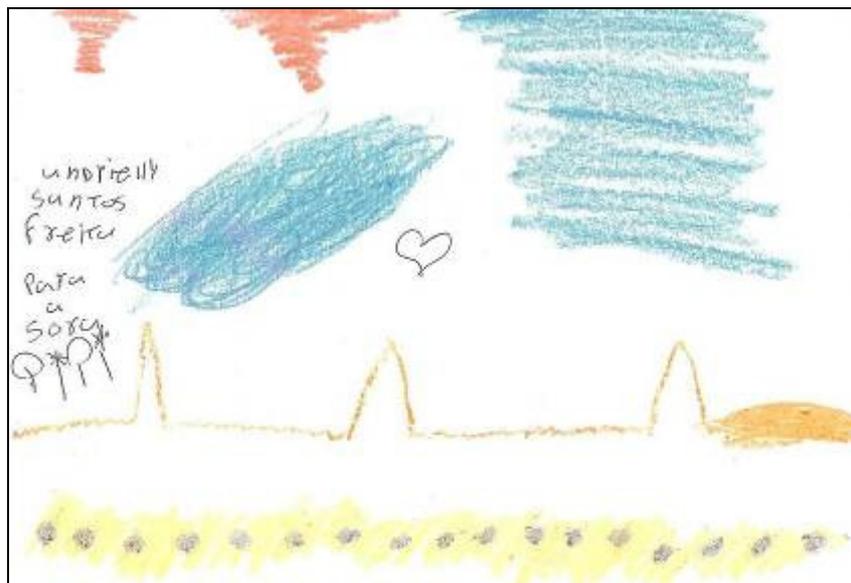


Fig. 38: Desenho de Andrielly. Representação não figurativa do som da concha.



Fig. 39: Desenho de Sarah. Representação não figurativa do som da concha.

Interessante perceber que todos os desenhos possuem a cor azul, e de alguma forma linhas que lebram ondas, ou água.

Questionei sobre o som da concha,

- *Porque a concha faz esse som alguém sabe?* (pergntei)
- *Sim!* (todas respondem)
- *É o mar!* (completam juntas)

Eu disse cheia de certeza:

- *Parece sim o barulho do mar, mas não é, na verdade é o som do nosso proprio corpo, a concha tem um formato que faz com que o som passe por ela e volte fazendo a gente escutar esse é o som do nosso sangue no corpo a gente escute o som do sangue nas veias.*

As crianças me olharam, quietas, e uma delas disse:

- *Tá, mas esse som é assim sora vou te explicar, a concha ficou tanto tempo no fundo do mar que ficou com o som do mar dentro dela.*

Fiquei sem resposta, apenas disse:

- *Assim é muito mais bonito né?*

Todas riram e concordaram!

Havia até aqui alcaçado parte do objetivo talvez eu estivesse bem próximo de começar a trabalhar com discos específicos, e músicas mais complexas, sobre a minha relação com as crianças, ficava claro que criamos um vínculo forte de carinho e amizade, que eu conseguira mudar alguma coisa na maneira delas de ver o mundo e de se relacionar com ele, assim como elas vinham mudando a minha maneira de ver e me relacionar com o mundo. Esse encontro me fez refletir sobre o ensinar e sobre a amizade o vínculo que criamos, acredito nesse cativar como peça importante no ensinar, em O Profeta, livro de Khalil Gibran fala-se do Ensinar e da Amizade de maneira poética e que relaciona-se diretamente com meu sentimento em relação a oficina Riscando Sons:

“Então, disse o professor: Fala-nos do ensinar.

E ele disse:

Ninguém pode vos revelar nada, a não ser o que jaz meio adormecido no âmago do vosso conhecimento.

O professor que caminha na sombra do templo, junto a seus discípulos, não oferece seu conhecimento, mais sua fé e seu amor.

Se ele for realmente sábio, não vos convida a entrar na casa de sua sabedoria, mas vos guia até o limiar da vossa própria mente.”

(GIBRAN, 2001, p. 73)

“ E um jovem disse: Fala-nos da Amizade.

E ele respondeu, dizendo:

[...]

Pois ele deverá preencher vossa necessidade, mas não vosso vazio.

E , na doçura da amizade, que haja risos e compartilhar de prazeres.

Pois no orvalho das pequenas coisas é que coração encontra sua manhã e se renova.”

(GIBRAN, 2001, p. 75)

7. Desenhando a Música de Egberto Gismonti

“Música sempre faz bem em qualquer situação, pra tocar, pra ouvir e sobre tudo pra alimentar certos compartimentos que a sociedade meio vai abafando. Não é só pela pressão econômica, pressão social, pressão não sei o que, o que a gente perde fundamentalmente, acho eu, nesse tipo de sociedade que não acredita no que não vê, enquanto o essencial da vida é o que a gente não vê. Ter um pouco de coisas involuntárias como: música, afeto, carinho, paixão, amor, são coisas que estimulam certos compartimentos que a gente não pode ver nem tocar mas que nos permitem ter a expectativa de viver.” (GISMONTI, Programa Vitrine, TV CULTURA 1992)

Percebi que o momento de trabalhar com as músicas que eu havia pensado, lá no início da criação da oficina. Para o primeiro encontro musical, escolhi o disco Carmo, de Egberto Gismonti é um compositor, multinstrumentista, cantor e arranjador brasileiro, nome da cidade do interior do Rio de Janeiro onde nasceu o compositor, o disco foi lançado em 1977. Escolhi Gismonti por sua musicalidade distante do que o que as crianças da oficina costumam ouvir, e porque sua música tem forte influência sobre meu trabalho plástico e em minha vida. Escolhi também pela relação que Gismonti tem com as sonoridades uma relação transpessoal que ele relata em entrevistas e livros. Sua música em minha opinião é repleta de cores e formas, com muita plasticidade. Passeia entre tensões e levezas, ludicidade e obscuridade.

Apresentei o músico para as crianças, com um certo receio, era como se fosse o primeiro dia de oficina eu não tinha ideia do que poderia acontecer. A resposta das crianças foi muito gratificante, todas ficaram muito curiosas, e ouviram em silêncio, em um primeiro momento só ouvimos, e elas demonstravam agitação e ansiedade para começar a desenhar, movimentavam as mãos e as pernas, e diziam, “vamos começar logo soraa”. Disponibilizei giz de cera, lápis de cor, caneta hidrográfica, além do suporte papel ofício A4, o que a vinhamos trabalhando desde o começo, disponibilizei papel pardo em diferentes tamanhos.

Começamos a atividade, e fui surpreendida por um bando de crianças submerças pela música de Gismonti, elas fechavam os olhos “para sentir a música”, dançavam, enquanto desenhavam e queriam folhas maiores que as A4, nesse encontro a maior parte dos desenhos se concentrou em folhas

grandes de papel pardo, riscavam ousavam, usando varias canetas na mesma mão para risacar com varias cores ao mesmo tempo, arriscaram até a usar o giz do quadro negro. Os desenhos erma feitos com rapidez para não perder nenhuma parte da música, formas diferentes das feitas até então começaram a aparecer.

“A sesação que as pessoas têm ao me ouvirem tocar não é a realidade. O sentimento evocado não é real, é uma fantasia. Ou como o queiramos chamar, mas tampouco é irreal. É algo que não se define, se sente.” (GISMONSTI, 1984, p 54)

Os resultados foram os seguinte:



Fig .40: Desenho de Andrielly. Cd de Egberto Gismonti.

Nesse desenhos percebemos a utilização de giz de quadro negro, essa iniciativa partiu da propria criaças. As palavra *amor* aparece no desenho

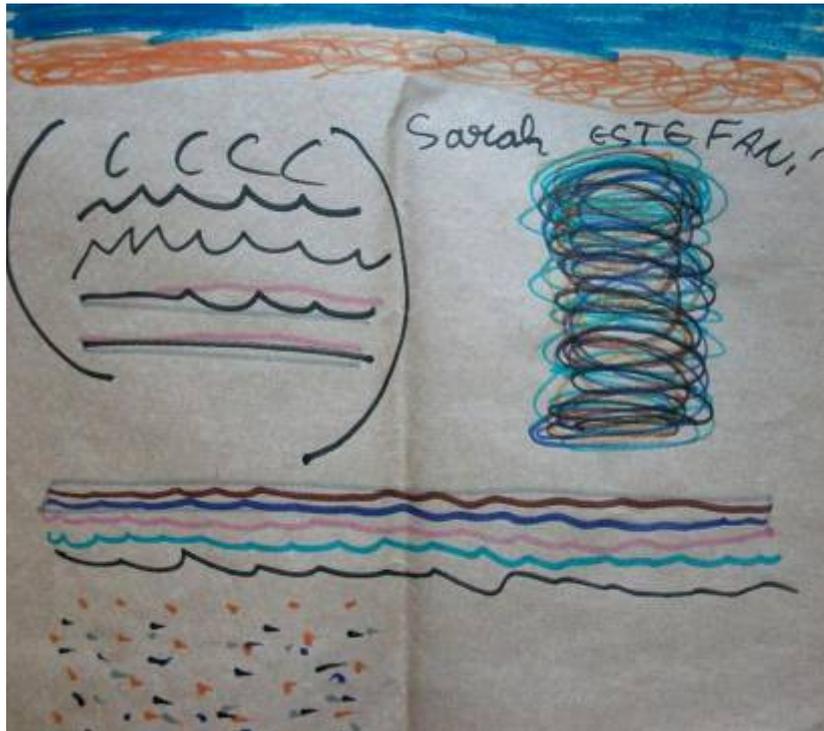


Fig. 41: Desenho de Sarah. Cd de Egberto Gismonti.

Nesse desenho podemos observar a separação das formas, cada uma no seu lugar, a menina disse que escutou partes diferentes da música e as desenhou.

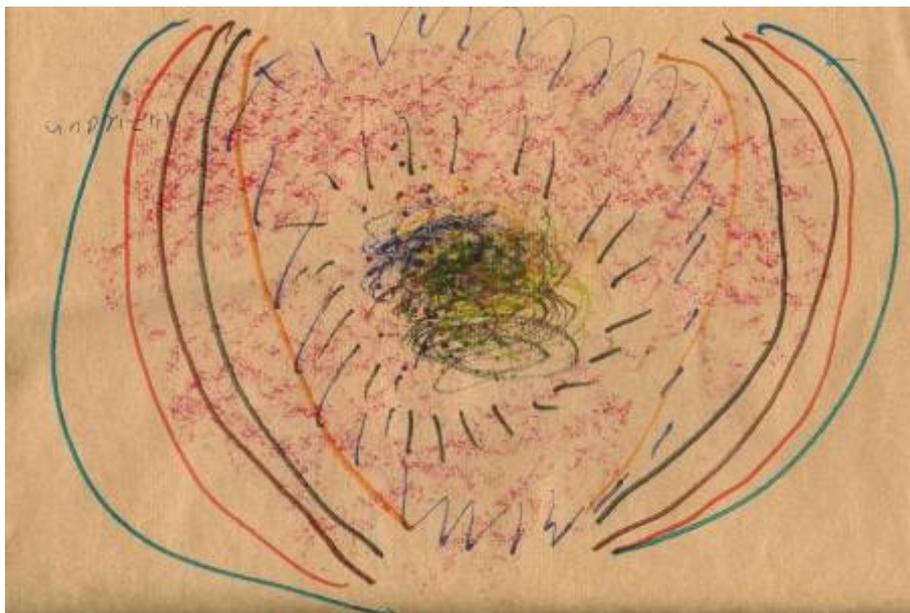


Fig. 42: Desenho de Aldryen. Cd de Egberto Gismonti

Aqui o desenho apresenta uma forma diferente das anteriores, uma forma fechada, que dá a sensação de que cresce ou vibra de dentro para fora.



Fig. 43: desenho de Estefani, 10 anos. Cd de Egberto Gismonti.

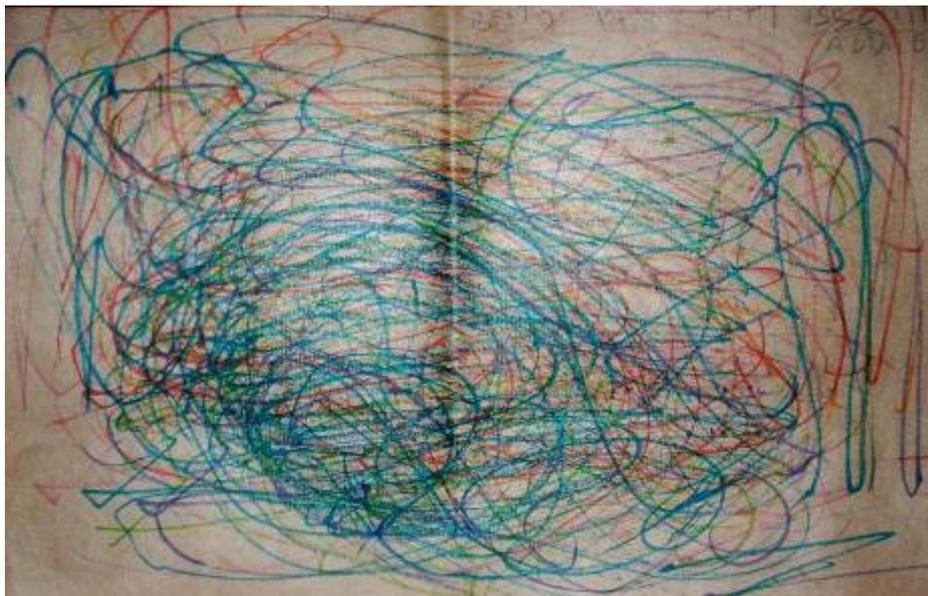


Fig. 44: Desenho de Aldryen. Cd de Egberto Gismonti



Fig. 45: Desenho de Aldryen. Cd de Egberto Gismonti.

Os desenhos são surpreendentes, mostram transformações dos primeiros encontros até aqui, e o momento em que as crianças desenhavam foi um momento muito interessante, as crianças fechavam os olhos e dançavam, em silêncio, não houve conversas paralelas, estavam concentradas no seu próprio criar, a folha A4 não foi utilizada, elas queriam folhas maiores, usamos papel pardo para as produções., excitação, movimentos, silêncio, busca pela forma da música assim posso descrever esse momento com as crianças.

Algo importante de destacar é o fato de que em momento algum as crianças se opuseram à música de Gismonti e nem as outras que apresentei a elas, apesar de ouvirem apenas funk, viver em um cenário limitado onde certo tipo de música e arte, não chega, por questões econômicas e culturais, elas estava abertas a proposta, não houve em nenhum momento rejeição, ou resistência.

8. Desenhando a Música de Toneco da Costa



Fig. 46: Atividade com cd Inverno de Toneco da Costa.

Era Inverno, e propus para as crianças que trabalhássemos com o disco intitulado Inverno do compositor e violonista gaúcho Toneco da Costa. A música de Toneco é também bastante visual, para mim ele pinta formas aquareladas com o som do seu violão, sua música é delicada, forte, e sempre conta alguma história, sem precisar ter letra. Por percebê-la dessa forma achei interessante leva-la para as crianças conhecer. Estava empolgada, pois o encontro anterior os resultados tinham sido muito satisfatórios, porém me deparei com algo que me surpreendeu, especialmente nesse apenas duas crianças foram na escola, e essas duas nunca haviam estado na oficina, me vi decepcionada e com um grande desafio, poderia ter cancelado a proposta e feito desenho livre, mas aceitei o desafio.

Antes de partir para a prática conversei com as duas crianças, que também me disseram que não havia forma na música, mas que gostavam muito de desenhar e gostavam de música. Em um primeiro momento dúvida e preocupação na expressão das crianças, e hesitaram em começar a desenhar, ouviram algumas músicas, mas não sabiam nem como desenhar. Sugeri que fechassem os olhos e buscassem na mente, que sentissem a música e assim iria surgindo as imagens, que buscassem ver os sons que eram ouvidos.

Uma menina começou a desenhar intercalava o desenho com concentração para ouvir e desenhar as formas.

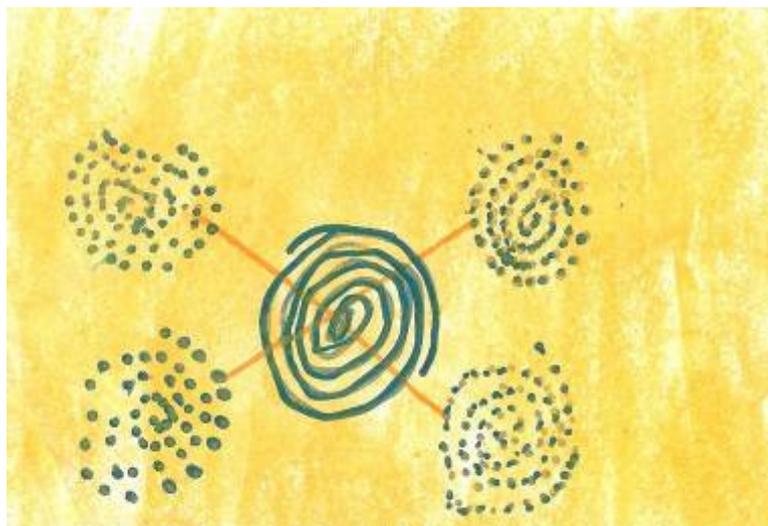


Fig. 47: Desenho de Gabriela, 10 anos. Representação das músicas de Toneco da Costa.



Fig. 48: Desenho de Gabriela. Representação das músicas de Toneco da Costa.

Interessante de observar os desenhos de Gabriela, ela criou formas aleatórias e explorou os materiais misturando canetinha, gis de quadro negro, usou pontilhado, e linhas, Gabriela nunca havia frequentado a oficina e não disse que não era difícil desenhar a música, apenas fez.



Fig. 49: Gabriela desenhando. Atividade com Cd Inverno de Toneco da Costa.

A outra criança, um menino de 8 anos, mereceu melhor atenção, ele parecia incomodado, e não conseguia começar, dizia que não conseguia, sentei com ele para ajuda-lo a buscar essas formas, a expressão era de preocupação, sentei a seu lado e fui direcionando para os sons, ele fechou os olhos deitou a cabeça na classe e ouviu, ergueu a cabeça e me falou “sora eu tenho medo de fazer e ficar feio, eu não sei fazer bonito”. A respeito desse tipo de situação, que realmente me preocupa dentro do ensino da arte, se faz arte para ser livre, e para nos libertar, não para nos prender a padrões e nos limitar.

Expliquei a ele como vejo a arte e porque fazemos arte, uma maneira de expressar o que sentimos e representar aquilo que vemos da nossa maneira, fazemos arte para sermos livres, ali era o momento de ele desenhar o que sentia independente de feio ou bonito, buscando ali uma experiência nova. Ele sorriu, baixou a cabeça fechou os olhos e disse “sora vou sentir a música então”.

Os resultados:

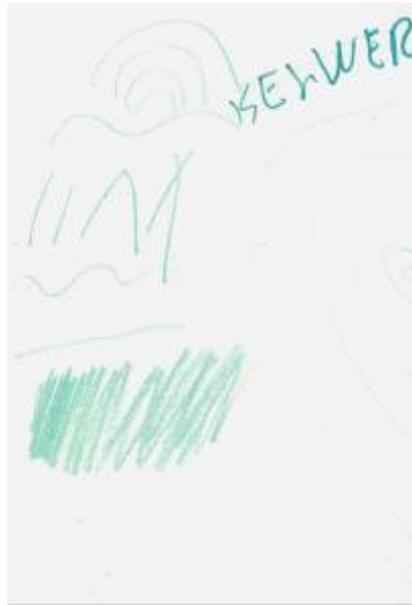


Fig. 50: 1º Desenho de Kelwer 8 anos. Cd Toneco da Costa

Esse foi o primeiro desenho que Kelwer fez, ele mostra bastante insegurança no traço, e rapidez.

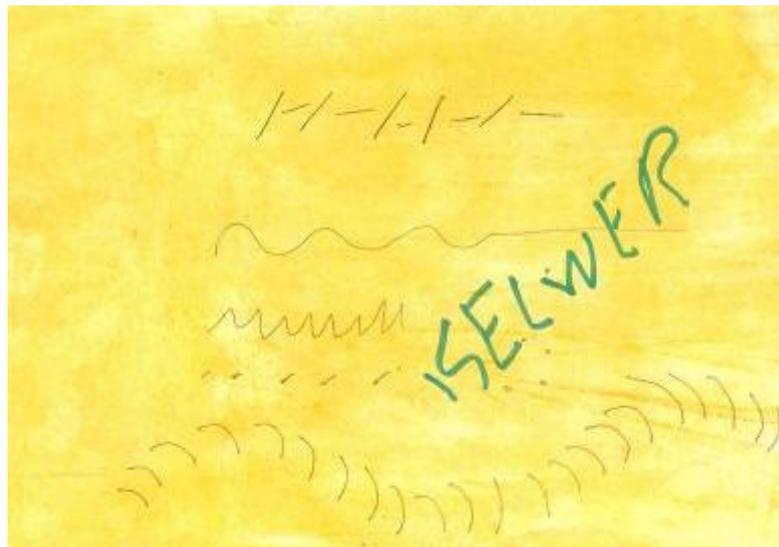


Fig. 51: 2º Desenho de Kelwer. Cd Toneco da Costa.

Depois o menino foi se sentindo mais a vontade e menos inseguro e podemos perceber nessa Fig. 47 onde ele explorou formas para representar a sonoridade do violão, podemos perceber que essas formas tem um certo movimento e ritmo.

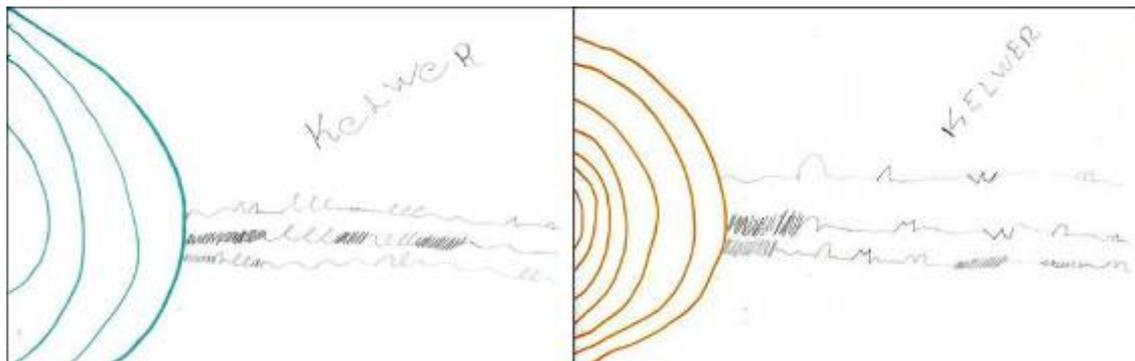


Fig. 52: Desenho de Kelwer. Cd Tonec da Costa, música Inverno.

Essa forma ele fez mais de uma vez para representar a música Inverno. Percebo que a folha de papel não é o limite para a representao da música, o desenho transcende o espaço da folha ele segue alem.

Até o presente momento tudo esta caminhando bem, as atividades eu havia desistido de elaborar como eu imaginava e que essas atividades seriam religiosamente executadas. Desistido não é a palavra correta, e sim aprender, aprendi que compartilhar com crianças experiências tão singulares como a criação em arte, exige outra maneira de dialogar, mais simples e mais sincera, aprendi também que as surpresas são uma constante com o trabalho com crianças, aprendi a improvisar.

9. “A gente faz coisa que nem existe e fica bala”- Pintando a Música de Bill Laswell



Fig.53: Atividade com tinta na Oficina Riscando sons

O fim da oficina estava se aproximando, pelo menos dessa Oficina, eu havia me encontrado como *oficineira* eu não pretendia parar por aí. Mas o fim da oficina Riscando Sons estava por acontecer, tínhamos três encontros, que eu ainda não sabia como seria, os últimos eu determinaria a partir desse que vou descrever agora.

Escolhi o disco de Bill Laswell, Bill Laswell & Material feat. Pharoa Sanders, ao vivo no Festival de Jazz, 33rd German Jazz Festival, em Frankfurt e, 2002. Bill Laswell é um contrabaixista americano contemporâneo, com sonoridade bastante atípica. O disco que escolhi foi o (nome ver nome esqueci), um disco onde ele faz parceria com Zakir Hussain, percussionista indiano que domina a tabla instrumento de percussão tradicional da Índia, e com o saxofonista Pharoa Sanders. Escolhi esse disco principalmente pela sonoridade, atípica, e principalmente muito diferente do que elas já haviam escutado, com instrumentos, como tabla, sax, trompete, e um vocal bem tradicional da Índia. São músicas carregadas de tensão, com mistura de sonoridades.

A maioria das crianças que estavam nesse dia já havia frequentando a oficina quase que todos os encontros, já estavam habituados à proposta e queriam que começasse logo. Coloquei o CD, e antes de pedir silêncio, todas estavam já com olhos fechados ou cabeças baixas, me refiro a crianças como *elas*, pois a maioria delas eram meninas. O material que utilizamos foi guache,

elas comentaram o quanto a música era diferente e o quanto achavam estranhas, mas não houve comentário que reprovasse a escolha. A expressão dos rostos era de tensão, assim como a música sugere, em especial trabalhamos com Black Lotus, uma música bastante tensa, e pesada. É difícil de descrever com palavras o que eu vi naquele encontro, com certeza aquele foi o encontro mais intenso que tivemos na oficina, elas exploravam o material com aguadas, com camadas de tinta; resolveram por elas mesmas utilizar o giz do quadro, raspando-o sobre o desenho sem saber o que poderia acontecer, o clima era de liberdade, seriedade, e criatividade.



Fig. 54: Crianças pintando ao som de Bill Laswell.

Uma das meninas pintou com o pincel na boca. Outra disse *“me divirto mais aqui”*. A produção foi muito rica em formas e cores, aparecem formas novas, houve um interesse em pintar em folhas maiores.



Fig. 55: Três momentos da atividade com disco de Bill Laswell.



Fig. 56: Pintura de Aldryen. Cd Bill Laswell, música Black Lotus.

Destaco a imagem a cima imagem pois essa é uma das poucas imagens que aparecem representando uma forma fechada única, onde concentra toda a tensão da música, e a representa com poucas cores. A menina que fez essa pintura mostra uma forma semelhante quando desenhou ao som de Egberto Gismonti.



Fig. 57: Pintura de Andrielly. Cd Bill Laswell.

Essa imagem mostra bem o clima de exploração de materiais de experimentação, aqui a menina jogou tinta no papel, ela demonstrava bastante

concentração na música e no desenho, para para ver onde precisava mais de tinta, e seguia em sua criação.



Fig. 58: Pintura de Andrielly. Cd Bill Lawell.



Fig. 59: Pintura de Aldryen. Cd Bill Laswell



Fig. 60: Duas pinturas de Sarah. Cd Bill Laswell

Esse foi um encontro bastante interessante que resultou em pinturas com grande riqueza de formas, as formas deslizam no papel como se dançarem conforme o ritmo da música, tiveram bastante variedade de cores, as crianças exploraram a pinceladas, texturas e cores, o papel pardo por sua coloração escura fez com que as crianças pudessem usar as cores mais claras e o branco, elas comentaram que gostavam de usar essas cores que nunca conseguem usar na folha branca.

10. O Jogo de dar som as formas

Penúltimo encontro da Oficina Riscando Sons, meu coração já estava apertado, e elaborei uma atividade diferente de todas que já haviam sido realizadas até aqui. Depois do último encontro em que trabalhamos com o disco de Bill Laswell, eu estava realizada, pois meu objetivo tinha sido alcançado, elas já sabia buscar a música dentro delas criar formas para os sons. Então elaborei uma atividade mais dinâmica, elaborei um jogo, que consistia em cartas com signos, cada uma das crianças pegaria uma carta e faria o jogo inverso, ao invés de ouvir, elas iriam criar sons para aqueles signos estampados nas cartas. Para o registro dessa atividade registrei em vídeo, além e do jogo, filmei depoimentos conversamos sobre toda a trajetória da oficina, que mais adiante será transcrito.

O Jogo foi bastante divertido já soava como despedida, e as crianças não tiveram dificuldade em criar os sons, para as imagens foi um momento de descontração e reflexão para as crianças.

As crianças não apresentaram dificuldade no jogo, me contaram que aproveitaram as aulas do coral para criar os sons das formas.

Abaixo imagens da dinâmica do jogo, onde se pode ver as cartas e as imagens que foram utilizadas para que as crianças pudessem criar os sons.

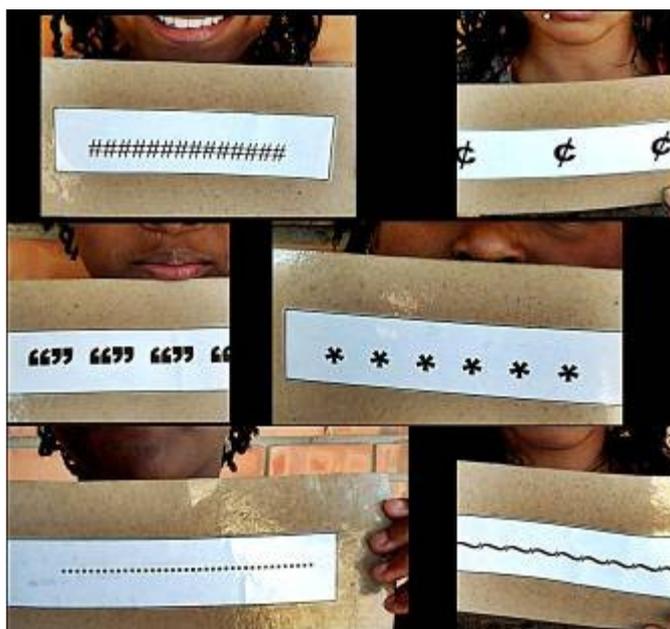


Fig.: 61: Crianças com as cartas do Jogo dos Sons.



Fig. 62: Crianças com cartas do Jogo dos Sons.

Além do jogo conversamos sobre a oficina, sobre a trajetória delas na oficina e as coisas que havia aprendido e compreendido e como foi esse processo, transcrevo aqui partes importantes da conversa;

Sobre o primeiro encontro na oficina Riscando Sons:

“Na primeira aula a gente teve dificuldade para aprender ex: vibratório de celular não é pra descrever é pra desenhar o que tá sentindo”

Sobre a dificuldade para criar as imagens dos sons:

“Tivemos bastante dificuldade para aprender. A gente não só imaginava a gente sentiu a música.”

Andrielly, 12 anos

Como você criou as imagens dos sons?

“ai sora é tipo assim, eu fecho o olho e imagino, e sinto a música.”

Aldryen 9 anos

Também comentaram que agora o que mudou foi a maneira como escutam os sons, que elas podem criar forma para eles, e ficam mais atentas aos sons que antes passavam despercebidos, como sons de dentro de casa, que elas ouviam mas não notavam, como a mãe fazendo comida, ou andando pela casa, ou barulhinhos da noite, que elas escutam atentas antes de dormir.

11. “Pruaktipruakti”, Tesoura, Cola, Papel e Sons

Elaborei para a última atividade também o processo inverso, do que foi feito na oficina, esse seria o ultimo encontro e queria que fosse diferente de todos, porem mantendo a proposta de relação do som com imagens visuais. Nesse encontro além das meninas que era presença frequente na oficina mais duas meninas que nunca haviam estado sequer naquela escola. Já não me preocupava mais com isso, pois além de minha explicação minhas “pupilas” se encarregariam de delegar as tarefas, cheias de orgulho da oficina que havia construído junto comigo.

A atividade era a seguinte, trabalharíamos com formas geometrias simples circulo triângulo, quadrado, retângulo, essas formas seriam recortadas e coladas, em uma folha branca A4, o material para atividade foram papéis coloridos, tesoura cola e folha A4. As crianças iriam escolher as formas que quisessem colariam da maneira que quisessem dando sons a elas, seria uma espécie de partitura lúdica. Também foi feito registro em vídeo, junto às fotos esta a transcrição do áudio.



Fig. 63: Colagem de Aldreyn.

Nessa colagem a menina apresenta os círculos e descreve abaixo do primeiro azul ate o ultimo preto:

Azul: *“tipo cores fortes”*

Vermelho: *“tipo mais um” referente a cor forte*

Amarelo: *“tipo cor clara “*

Marrom e preto: “ cor mais escura, mais preto”

Ela descreveu o som com decrescente mais alto a mais grave fechando o som com o preto.

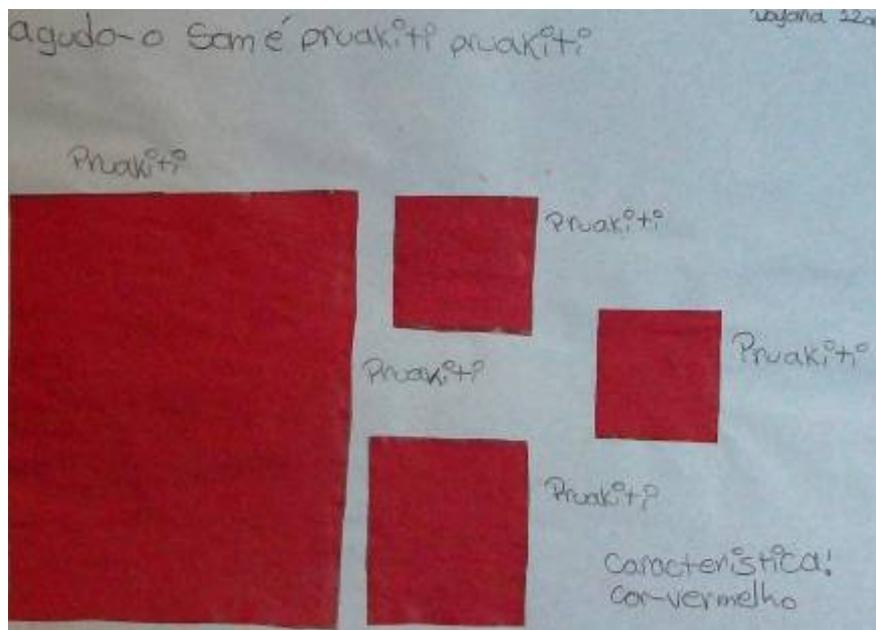


Fig. 64: Colagem de Dayana, 12 anos.

Essa colagem foi de uma menina que nunca havia frequentado a oficina. Ela escolheu a forma do quadrado descreveu como agudo, e representou em meio a risadas com “PRUAKITI, PRUAKITI”, todos riam muito não uns dos outros mas como uma grupo , realmente a atividade foi bastante lúdica e divertida, o som que ela representou concordo que tem bastante haver com a forma, o som e bastante “quebrado”, não há presenta de som anasalado que e para minha percepção melhor representado com formas mais arredondadas e orgânicas.

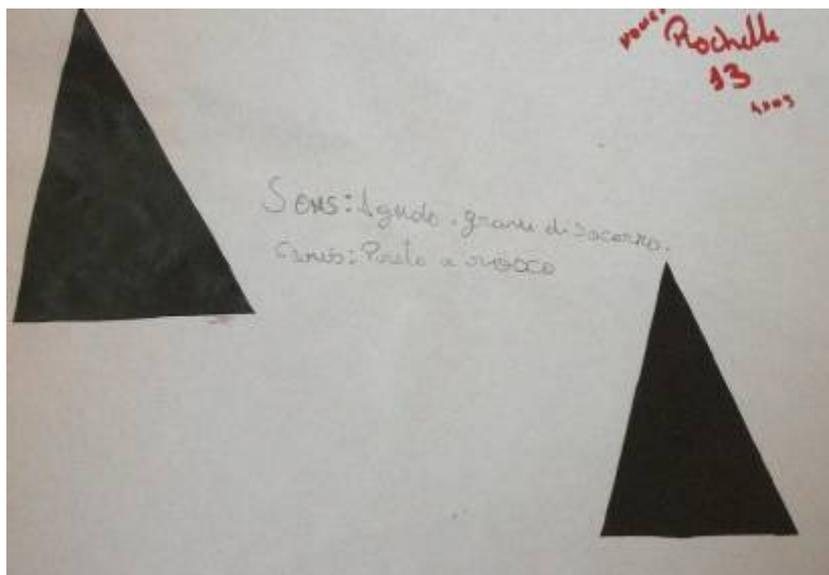


Fig. 65: Colagem de Rochelli, 13 anos.

Esse som e forma também foram feitos por uma menina que nunca havia frequentado a oficina. Ela escolheu o preto e o triângulo, ela disse que podia ter presença de roxo também, para representar um som bastante agudo, um grito ela disse que era o grito de socorro e o representou bastante alto e agudo, disse que a forma e a cor apresentavam essa tensão, os ângulos do triângulo lembram gritos agudos.

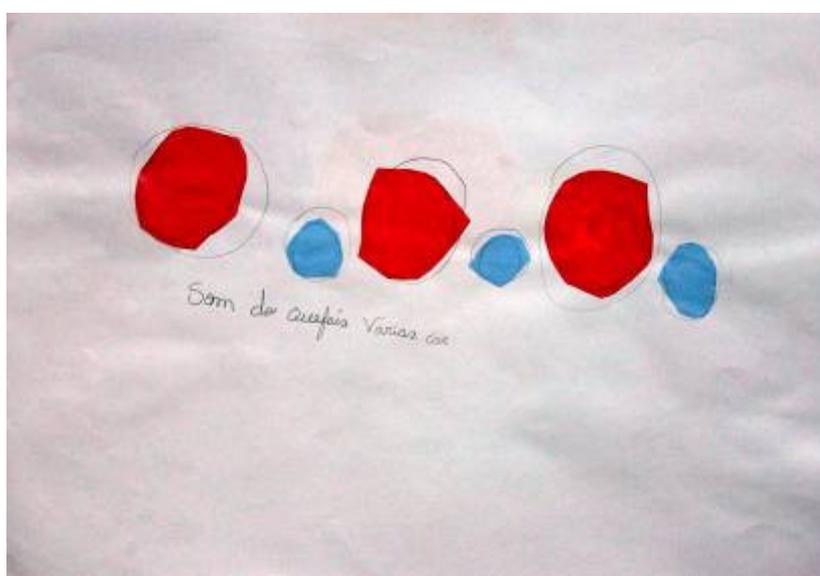


Fig. 66: Colagem de Sarah.

Essa menina já era participante da oficina, ela também representou com círculos, ela descreve dessa maneira “som que faz variar a cor, tipo o que a gente canta na aula de canto”, a variação de cor também é a variação de

tonalidade do som, o mesmo som porém tom alto, tom baixo lê-se *Ohh, Ohh, Ohh*.

Não houve grande dificuldade das meninas que nunca haviam participado da oficina, foi um encontro divertido, muitas risadas, e troca de ideias. Foi o último encontro da oficina Riscado Sons.

Silêncio...

“Mas que o silêncio significa esse ‘nada’ se multiplicando em sentidos: quanto mais falta; mais silêncio se instala mais possibilidade de sentidos se apresenta.” (ORLANDI, 1992, pág.49)

Silêncio

“O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para que o sentido faça sentido. Reduto o possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito.” (ORLANDI, 1992 p.13)

Faço silêncio para ouvir os desenhos e pinturas feitos na Oficina.

Meu caminho mudou, outros sons “eu vi” outras imagens escutei, nos desenhos e na sala de aula da escola.

Em um primeiro momento pensei que tudo seria fácil, depois pensei que nada daria certo. Mas foi construindo junto com as crianças, propondo desafios, instigando a curiosidade, quebrando padrões a cerca da imagem, ouvindo-as, que chegamos ao fim da oficina com a sensação de missão cumprida.

A transformação se deu de maneira lenta, que causou a quebra e desconstrução da forma como eu havia idealizado a oficina. mas foi nessa quebra que os resultados começaram a acontecer e a apresentar bons sons.

As crianças demonstraram dificuldades, que ao longo do trabalho foram gerando questões de como elas se relacionam com os sons, e com as imagens, que motivaram as mudança. Os primeiros encontros foram de resultados que pareciam não trazer transformações nas questões que relacionam o olhar da criança na contemporaneidade, derrubando minha ideia romântica e saudosista da infância idealizada. No processo da oficina a construção de vínculo afetivo resultou na construção em conjunto das atividade, minha percepção se voltou para as necessidades das crianças direcionando assim as atividades propostas. Dessa maneira os resultados foram apresentando transformações percebida através dos desenhos e das falas das crianças. Os resultados e tranformações trouxeram grande significação para mim e para as crianças, suas maneiras de perceber o entorno foi sendo revelado através dos desenhos que apresentam formas contidas e rígidas e esteriotipadas passando por uma “rebelia” de quebrar essas formas e criar o que antes era: “*impossível sora*”. Essas criações cresceram com o

perceber e o “ *fechar os olhos e sentor né sora?*” das crianças da oficina que colocam no papel com lápis, tinta, giz aquilo que escutaram.

Dessa experiência fica para mim a realização de uma ideia, uma vontade de continuar.

Agora fica um silêncio que remete a um próximo movimento.

Referencias

ANDRADE, Carlos Drummond, Alguma Poesia, Ed. Pindorama, 1930, <<http://www.algumapoesia.com.br/drummond/drummond04.htm>> Acesso: 29 jan 2013

CAZNOK, Yara Borges. **Música do audível ao visual**. São Paulo. Ed. UNESP, 2008.

CUNHA, Susana Rangel Vieira. Como vai a Arte na educação infantil. 2009, <<http://brincarjogarepensar.blogspot.com.br/2009/10/como-vai-arte-na-educacao.html> acessado em 22/01/2013> Acesso: 26 jan. 2013

DUARTE JR, João Francisco. **Porque Arte Educação?** Campinas SP. Ed. Papyrus. 2012

DUARTE JR, João Francisco. **O sentido dos sentidos, a educação (do) sensível**. Curitiba, PR, Ed. Criar. 2010

FREGTMAN, Carlos D. **Musica Transpessoal - Uma Cartografia Holística da Arte, da Ciência e do Misticismo**. São Paulo. Ed. Cultrix, 1989.

GIBRAN, Khalil. **O Profeta. Porto Alegre**. Ed. L&PM. 2011

KHAN, Sufi Inayat, **Música**. Porto Alegre. Ed. FEEU.

KANDINSKY, Wassily. **Do Espiritual na Arte**. São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2003.

KLEE, Paul. Sore arte moderna e outros ensaios. Rio de Janeiro. Ed. Jorge Zahar Editor.

ORLANDI, Eni Pulcinelli, **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. Campinas, Ed. UNICAMP, 1992.

READ, Herbert. **A Educação pela arte.** São Paulo. Ed. Martins Fontes, 2001.

WISNIK, José Miguel, **O Som e o Sentido – Uma outra história das músicas.**
São Paulo, Ed. Companhia das letras 1989.